

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**GABRIELA BORBA BISPO DOS SANTOS**

**SER JOVEM, SER MULHER, SER NEGRA, SER PROFESSORA DE GEOGRAFIA:  
AS JOVENS LICENCIANDAS NEGRAS EM GEOGRAFIA E SUA FORMAÇÃO**

Porto Alegre

2023

**GABRIELA BORBA BISPO DOS SANTOS**

**SER JOVEM, SER MULHER, SER NEGRA, SER PROFESSORA DE GEOGRAFIA:  
AS JOVENS LICENCIANDAS NEGRAS EM GEOGRAFIA E SUA FORMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Geografia, no Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**Orientador:** Prof. Dr. Victor Hugo Nedel Oliveira

Porto Alegre

2023

## CIP – Catalogação na Publicação

Santos , Gabriela Borba Bispo dos  
Ser jovem, ser mulher, ser negra, ser professora de  
geografia: as jovens licenciandas negras em Geografia  
e sua formação / Gabriela Borba Bispo dos Santos . --  
2023.  
90 f.  
Orientador: Victor Hugo Nedel Oliveira.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Geociências, Licenciatura em Geografia, Porto  
Alegre, BR-RS, 2023.

1. Geografia. 2. Juventudes. 3. Feminismo. 4.  
Racismo. 5. Formação inicial docente. I. Oliveira,  
Victor Hugo Nedel, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: Ser jovem, ser mulher, ser negra, ser professora de geografia: as jovens licenciandas negras em geografia e sua formação

Porto Alegre, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Geociências

Curso de Licenciatura em Geografia

---

Orientador: Prof. Dr. Victor Hugo Nedel Oliveira  
(Presidente da banca)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Cláudia Luísa Zeferino Pires  
(IGEO – UFRGS)

---

Prof. Dr. Paulo Roberto Rodrigues Soares  
(IGEO – UFRGS)

Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

[O original encontra-se assinado]

## DEDICATÓRIA

Aos meus pais Vera e Acendino,  
que sempre acreditaram em mim.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a todas as mulheres negras que vieram antes de mim e lutaram muito para que hoje eu e tantas outras mulheres negras pudéssemos ocupar os espaços que antes eram negados para nós.

Agradeço imensamente a minha mãe Vera, ao meu pai Acendino e a minha tia Lúcia por sempre estarem ao meu lado nos momentos bons e ruins, por acreditarem em mim e por sempre sorrirem o meu sorriso. Obrigada, principalmente, por serem pessoas presentes na minha vida e por terem me passado bons valores. Agradeço também ao meu sobrinho Benjamim que sempre que entra no meu quarto, fica admirando meu enorme quadro de mapa. Estou aguardando pelo dia em que juntos iremos explorar todos os tipos de mapas que existem, eles são encantadores e foram minhas primeiras paixões na Geografia. Enfim, amo vocês.

Agradeço muito a linda pessoa que todos os dias inspira meu coração, assim como é também meu namorado, meu melhor amigo e meu companheiro. Meu querido Leonardo, obrigada tudo que tu fez e faz ao longo de todo tempo em que estamos juntos, tu é maravilhoso de todas as formas. Muito obrigada por compartilhar a vida comigo e por me fazer feliz, olhar para as estrelas e não pensar em ti é impossível. Espero ansiosamente pelas nossas geoaventuras e socioaventuras pela vida. Eu te amo muito, meu bem.

Agradeço as instituições de ensino Aramy Silva, Júlio de Castilhos e UFRGS por me proporcionarem um ensino público, gratuito e de qualidade. Agradeço também ao PEAC, espaço maravilhoso esse que além me acolher e me ensinar, viveu o meu sonho comigo. Agradeço muitíssimo a todas as professoras e a todos os professores que contribuíram para minha formação, a excelente influência de vocês jamais será apagada. Agradeço em especial o professor Victor, pois além me acolher no ano de 2012 em uma pesquisa do colégio, contribuiu para que eu me apaixonasse ainda mais pela Geografia e por pesquisar. Felizmente nos encontramos pela UFRGS em 2018 e seguimos juntos em diversas pesquisas até hoje, já são 11 anos de geoaventuras! Muito obrigada pelos tantos aprendizados que tive contigo, para sempre será minha grande inspiração na Geografia. Também gostaria de agradecer aos dois melhores professores de Português que tive. Professora Cláudia, obrigada por ser a minha primeira referência de professora negra, se hoje eu sou uma professora também, é porque naquele início de 2011 eu

a olhei e percebi que também podia ser uma. Professor Zé, muito obrigada por tudo! Mais do que me ensinar classes gramaticais ou sintaxe, tu sempre acreditou em mim e isso não tem preço. Teu trabalho no PEAC é incrível, sempre terá a minha admiração e o meu respeito.

Agradeço aos meus poucos e bons amigos que de certa forma sempre se fizeram presentes na minha vida, olho para trás e penso no quanto eu fui feliz de compartilhar risadas escandalosas com vocês! Agradeço em especial a Lucy e ao Mauricio, não lembro quanto tempo temos de amizade, mas de boas memórias e histórias para contar, temos de sobra. Viver o PEAC e a UFRGS com vocês foi e é muito significativo, assim como todas as festas, micos, papos cabeça e conversas jogadas fora. Eu sei que em momentos cômicos minha risada é mais engraçada que a própria coisa e vocês não disfarçam e riem junto, adoro. Muito obrigada pela nossa amizade, sempre seremos o eterno trio do Vale e as três espiãs demais. Amo vocês. Agradeço também a minha querida colega e amiga Júlia, viver projetos de pesquisa e desbravar Minas Gerais, bem como Porto Alegre e Jaguarão não teria sido a mesma coisa sem a tua presença. Eu, tu e o Leo formamos uma boa equipe de trabalho, me sinto honrada de ter crescido como pesquisadora ao lado de vocês.

Obrigada a todas as alunas e alunos que tive até o momento, mais do que ensinar Geografia, aprendi muito com vocês, principalmente, a me tornar uma boa professora. Por último e não menos importante, obrigada, Geografia! Voar nas tuas asas é incrível.

**Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela. – Angela Davis**

## RESUMO

As pesquisas acerca das juventudes são muito relevantes, pois é possível compreendermos a partir delas como os jovens se manifestam na sociedade contemporânea. Por outro lado, feminismo é um movimento político e social que amplia as discussões de gênero, visto que a luta contra a opressão patriarcal visa promover a igualdade, além de oportunizar a sororidade e o empoderamento entre as mulheres. Quanto as questões raciais, observamos o quanto é relevante percebermos o quanto o racismo ainda é uma realidade na vida das populações negras no Brasil. A formação inicial docente, por sua vez, é uma significativa temática na medida que é demonstrado os processos que envolvem o campo educacional, assim como a formação de professores está sendo realizada. A presente investigação buscou analisar os impactos das condições de ser mulher, negra e jovem na formação inicial docente de licenciandas em Geografia em uma Universidade pública do sul do país. O embasamento teórico dividiu-se em duas partes principais, tendo inicialmente o breve estado da arte onde foi relacionado as juventudes com os demais temas escolhidos para esse estudo e, posteriormente, se discorreu acerca dos conceitos mobilizados por essa pesquisa, quais sejam: juventudes; questões de gênero; questões raciais e a formação inicial de professoras de Geografia. Como instrumento de coleta de dados, foram realizadas duas entrevistas estruturadas, tendo aproximadamente 1h de duração com as jovens estudantes negras do curso de Licenciatura em Geografia. Posteriormente, foi realizada análise de conteúdo a partir estruturação das entrevistas, assim como foi elaborada a codificação e a categorização delas. Como resultados, foi apontado que ser jovem, para as entrevistadas, além de ser um período de descobertas sobre si e das suas demais relações afetivas, também é um momento no qual as dúvidas e as inseguranças emergem, visto que não há garantia do que pode acontecer em suas vidas. Quanto ao curso de Geografia, foi evidenciado que o turno diurno tem predominantemente pessoas jovens e o noturno contempla além de jovens, adultos e idosos. Dentre os desafios que envolvem ser uma estudante mulher na Geografia, foi apontado que os aspectos institucionais e sociais, os quais envolvem a reprodução do machismo, afeta negativamente as estudantes. Da perspectiva da contribuição do feminismo negro para o empoderamento das mulheres negras, foi colocado que o consumo de obras produzidas por essas mulheres é muito importante para suas compreensões pessoais e interpessoais. Como referências de mulheres negras, foram colocadas as figuras de professora e de mãe. Quanto ao racismo vivenciado pelas participantes, foi percebido que o ambiente educacional ainda não tem preparação suficiente para enfrentar os preconceitos raciais que acontecem em suas dependências. Também foram apresentadas algumas recomendações para as futuras docentes negras do curso de Geografia, tais como: viver a universidade intensamente e conhecer os mestres e mestras da cultura negra. Dessa forma, a investigação contribui significativamente para o campo de pesquisa da Educação em Geografia, uma vez que discute quatro temáticas que importantes que estão inseridas no espaço geográfico, além de possibilitar novas dimensões a serem pesquisadas.

**Palavras-chave:** Geografia; Juventudes; Feminismo; Racismo; Formação inicial docente.

## ABSTRACT

Research about youth is highly relevant as it enables us to understand how young individuals express themselves in contemporary society. On the other hand, feminism is a political and social movement that broadens gender discussions, as it strives to achieve equality by challenging patriarchal oppression and promoting solidarity and empowerment among women. Concerning racial issues, it is imperative to recognize the continuing prevalence of racism in the lives of Black populations in Brazil. Initial teacher education, on the other hand, holds significance as it sheds light on the processes within the educational realm, including the approaches to teacher training. This current investigation sought to examine the impact of being a young, Black woman on the initial teacher education of female Geography undergraduates at a public university in the southern region of the country. The theoretical foundation was divided into two main components: an initial overview that linked youth with the other chosen themes of this study, and a subsequent discussion on the concepts employed in this research: youth; gender issues; racial issues; and the initial education of Geography teachers. For data collection, two structured interviews lasting approximately 1 hour each were conducted with young Black female students enrolled in the Geography Teaching program. A content analysis was subsequently performed based on the interview structure, followed by coding and categorization. The findings pointed out that for the interviewees, being young is not only a period of self-discovery and exploration of emotional relationships, but also a time marked by uncertainties and insecurities, given the unpredictability of future life events. With regards to the Geography program, it was evident that the daytime schedule predominantly consisted of young individuals, whereas the evening schedule accommodated not only young students but also adults and seniors. Among the challenges faced by female Geography students, institutional and social factors that perpetuate sexism were highlighted as negative influences. In terms of the contribution of Black feminism to the empowerment of Black women, the consumption of works produced by these women was deemed crucial for personal and interpersonal understanding. Figures such as teachers and mothers were cited as reference points for Black women. Regarding the racism experienced by the participants, it was observed that the educational environment remains inadequately equipped to address the racial prejudices that occur within its premises. Recommendations were also put forth for future Black female Geography instructors, including wholeheartedly engaging in university life and acquainting themselves with prominent figures within Black culture. Thus, this investigation significantly contributes to the field of Geography Education research by addressing four pivotal themes within the geographical context and opening avenues for further exploration.

**Keywords:** Geography; Youths; Feminism; Racism; Initial Teacher Education.

## RESUMEN

La investigación sobre las juventudes es sumamente relevante, ya que nos permite comprender cómo los jóvenes se expresan en la sociedad contemporánea. Por otro lado, el feminismo es un movimiento político y social que amplía las discusiones de género, al aspirar a la igualdad desafiando la opresión patriarcal y promoviendo la solidaridad y el empoderamiento entre las mujeres. En cuanto a cuestiones raciales, es imperativo reconocer la persistente prevalencia del racismo en la vida de las poblaciones negras en Brasil. La formación inicial de docentes, por otro lado, tiene importancia ya que arroja luz sobre los procesos dentro del ámbito educativo, incluidos los enfoques de la formación docente. Esta investigación actual tuvo como objetivo examinar el impacto de ser una mujer joven y negra en la formación inicial de docentes de mujeres que cursan Geografía en una universidad pública en la región sur del país. La base teórica se dividió en dos componentes principales: una visión general inicial que vinculaba la juventud con los otros temas elegidos para este estudio, y una posterior discusión de los conceptos empleados en esta investigación: juventud; cuestiones de género; cuestiones raciales; y la educación inicial de docentes de Geografía. Para la recopilación de datos, se llevaron a cabo dos entrevistas estructuradas de aproximadamente 1 hora cada una con jóvenes mujeres negras inscritas en el programa de Enseñanza de Geografía. Posteriormente, se realizó un análisis de contenido basado en la estructura de las entrevistas, seguido de la codificación y categorización. Los hallazgos señalaron que, para las entrevistadas, ser joven no solo es un período de autodescubrimiento y exploración de relaciones emocionales, sino también un tiempo marcado por incertidumbres e inseguridades, dada la imprevisibilidad de los eventos futuros en la vida. En cuanto al programa de Geografía, fue evidente que el horario diurno estaba compuesto predominantemente por jóvenes, mientras que el horario nocturno acomodaba no solo a estudiantes jóvenes, sino también a adultos y personas mayores. Entre los desafíos que enfrentan las estudiantes de Geografía, se resaltaron factores institucionales y sociales que perpetúan el sexismo como influencias negativas. En términos de la contribución del feminismo negro al empoderamiento de las mujeres negras, se consideró crucial el consumo de obras producidas por estas mujeres para la comprensión personal e interpersonal. Se mencionaron figuras como profesoras y madres como puntos de referencia para las mujeres negras. En relación con el racismo experimentado por las participantes, se observó que el entorno educativo sigue estando insuficientemente equipado para abordar los prejuicios raciales que ocurren en sus instalaciones. También se presentaron recomendaciones para futuras docentes negras de Geografía, incluida la participación plena en la vida universitaria y el conocimiento de figuras destacadas dentro de la cultura negra. Por lo tanto, esta investigación contribuye significativamente al campo de la investigación en Educación Geográfica al abordar cuatro temas fundamentales en el contexto geográfico y abrir vías para una exploración más profunda.

**Palabras clave:** Geografía; Juventudes; Feminismo; Racismo; Formación inicial de docentes.

## Índice de quadros

<b>Quadro 1.</b> Trabalhos selecionados.....	24
<b>Quadro 2.</b> Categorias.....	36
<b>Quadro 3.</b> Caracterização .....	40
<b>Quadro 4.</b> Aspectos positivos e negativos no curso de Geografia (Aqualtune).....	62
<b>Quadro 5.</b> Aspectos positivos e negativos no curso de Geografia (Tereza de Benguela).....	63
<b>Quadro 6.</b> Recomendações para as futuras jovens professoras negras de Geografia (Aqualtune).....	66
<b>Quadro 7.</b> Recomendações para as futuras jovens professoras negras de Geografia (Tereza de Benguela).....	68

## Índice de ilustrações

<b>Figura 1.</b> Nuvem de palavras com as expressões mais frequentes na fala das entrevistadas.....	41
<b>Figura 2.</b> Nuvem de palavras com as expressões mais frequentes na fala das entrevistadas.....	49
<b>Figura 3.</b> Nuvem de palavras com as expressões mais frequentes na fala das entrevistadas.....	52
<b>Figura 4.</b> Nuvem de palavras com as expressões mais frequentes na fala das entrevistadas.....	54
<b>Figura 5.</b> Nuvem de palavras com as expressões mais frequentes na fala das entrevistadas.....	58

## Lista de abreviaturas e siglas

CNS:	Conselho Nacional de Saúde
CEP-UFRGS	Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
COVID-19:	<i>Coronavirus Disease 2019</i>
ERER:	Educação para as Relações Étnico-raciais
IC:	Iniciação Científica
IMJUVE:	<i>Instituto Mexicano de la Juventud</i>
ONU:	Organização das Nações Unidas
PIBID:	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
SIG:	Sistemas de Informações Geográficas
TA:	Termo de Anuência
TCC:	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE:	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNESCO:	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
USP:	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	16
2. REFERENCIAL TEÓRICO .....	23
2.1 UM BREVE ESTADO DA ARTE .....	23
2.2 CONCEITOS MOBILIZADOS PELA PESQUISA .....	26
2.2.1 Sobre as JuventudeS.....	26
2.2.2 Sobre as questões de gênero.....	28
2.2.3 Sobre as questões raciais.....	31
2.2.4 Sobre formação inicial de professoras de Geografia .....	33
3. METODOLOGIA.....	35
4. RESULTADOS .....	39
4.1 CARACTERIZAÇÃO .....	39
4.2 SER JOVEM .....	40
4.3 SER MULHER.....	44
4.4 SER NEGRA.....	51
4.5 SER PROFESSORA DE GEOGRAFIA.....	57
5. CONSIDERAÇÕES (NÃO TÃO) FINAIS .....	70
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	77
7. ANEXOS .....	85
7.1 ANEXO A .....	85
7.2 ANEXO B .....	86
7.3 ANEXO C .....	88
7.4 ANEXO D.....	90

## 1. INTRODUÇÃO

Os estudos acerca da temática das juventudeS têm recebido grande reconhecimento no campo acadêmico, buscando compreender e analisar as vivências juvenis na sociedade contemporânea. Esse entendimento é essencial para percebermos como os jovens se expressam de maneira única e estabelecem vínculos de pertencimento com as pessoas e lugares que lhes são significativos, demarcando, assim, um universo de redes de sociabilidades e territórios. A diversidade é um elemento indispensável nesse contexto, visto que cada jovem manifesta sua identidade de maneira distinta, contribuindo para a riqueza e a complexidade das culturas juvenis. Além disso, as pesquisas e debates sobre esse campo de pesquisa são muito relevantes na medida em que temos a possibilidade entender como os jovens interagem com as diferentes esferas ao seu redor, bem como podem auxiliar e promover a elaboração de políticas públicas voltadas para o seu desenvolvimento na área da educação, da saúde, de sua participação política, do seu bem-estar, entre outros quesitos.

Ser jovem negro no Brasil é um desafio na medida em fazemos parte de um sistema racista e excludente que permeia as diversas esferas da sociedade. Para esses jovens, o acesso à educação e ao mercado de trabalho é limitado em razão dos preconceitos. Gonzalez (2020) assinala essa afirmação quando diz que:

Em um país onde, em termos de mercado de trabalho, a procura é maior do que a oferta e onde existe uma divisão racial do trabalho, a situação da juventude negra é, obviamente, a do setor mais atingido pelo desemprego aberto ou disfarçado. Graças ao racismo e às suas práticas, essa juventude se encontra numa situação de desvantagem em termos de educação, de trabalho e até mesmo de lazer. (p. 45)

As discriminações estruturais acentuam as desigualdades e o acesso a espaços para esses indivíduos e, nesse cenário, as políticas públicas têm um papel essencial na promoção da igualdade racial e no combate ao racismo estrutural e da necropolítica (Mbembe, 2018) que, infelizmente, vítima jovens negros, em sua maioria do gênero masculino no país (Lemos *et al*, 2017). Essas políticas são relevantes na medida que asseguram o acesso igualitário à uma educação de qualidade, oportunidades de emprego, o direito à saúde, bem como possibilita a representatividade desses sujeitos em diversos espaços e ocupações. As políticas de ações afirmativas, por sua vez, como cotas raciais nas instituições de ensino superior e órgãos públicos, são muito significativas, pois trata-se de uma reparação

histórica, assim como proporcionam uma maior inclusão e justiça social para os jovens negros e para população negra como um todo.

O debate e a pesquisa sobre as questões de gênero ganharam uma maior visibilidade a partir dos anos 90 no Brasil (Leão e Ribeiro, 2012). Essa discussão envolve a relevância em proporcionar a igualdade entre mulheres e homens em todos os setores, contribuindo para uma sociedade mais justa e que acolha a todos os modos de ser e estar no mundo. Na realidade brasileira, foram sancionadas algumas leis que estabelecem medidas protetivas e de igualdade às mulheres como a Lei Maria da Penha<sup>1</sup>, a Lei do Femicídio<sup>2</sup> e a Lei de Cotas Eleitorais para Mulheres<sup>3</sup>; e é importante ressaltar que a implementação dessas legislações ainda enfrenta alguns desafios no seu cumprimento pleno. O movimento feminista, por sua vez, fortalece as discussões de gênero na medida que traz todo um aparato histórico acerca das mulheres, bem como promove o empoderamento e a sororidade feminina. Na presente investigação que estou realizando, o qual está voltado para as jovens mulheres estudantes do curso de Geografia, as questões de gênero se pautaram nos estudos feministas.

O feminismo é um movimento que passou por diversas transformações. Tradicionalmente essas transformações são interpretadas como ondas. Costuma-se contabilizar até 4 ondas, as quais avançaram com diferentes reivindicações. Apesar das diferentes demandas ao longo do tempo, o plano de fundo da luta feminista sempre foi a luta contra a opressão patriarcal. Entre tantas mudanças e variedades de pensamento que surgiram dentro feminismo, um dos maiores foi o surgimento do feminismo negro. Até a chegada da segunda onda feminista, as questões raciais não eram uma pauta em discussão, de modo que o movimento contemplava somente a demanda de mulheres brancas de classe média ou alta. Foi nesse contexto desigual que o feminismo negro surgiu de maneira contestatória, uma vez que as mulheres negras não se enxergavam dentro do movimento feminista. Diante disso, Hooks (2020) nos diz que:

Era o silêncio do oprimido: aquele profundo silêncio engendrado de resignação e aceitação perante seu destino. Não era possível para

---

<sup>1</sup> Lei que visa o combate à violência doméstica (Brasil, 2006).

<sup>2</sup> Lei que inclui o feminicídio como crime de homicídio qualificado (Brasil, 2015).

<sup>3</sup> Lei que estabelece o mínimo de 30% e um máximo de 70% de candidatura de mulheres nos partidos políticos (Brasil, 1997).

mulheres negras contemporâneas se juntarem para lutar pelos direitos das mulheres, porque não víamos “mulheridade” como aspecto importante da nossa identidade. A socialização racista e sexista nos condicionou a desvalorizar nossa condição de mulher e a considerar raça como o único rotulo relevante de identificação.

Dessa maneira, percebemos que as mulheres negras tiveram dificuldade de inserir-se no movimento em razão dos olhares sexistas e racistas que as faziam entender que ser mulher não era o foco principal de sua identidade, mas sim a raça. Souza *et al* (2021) afirma que o sexismo e racismo são indissociáveis na vida das mulheres negras, promovendo, infelizmente, limitações nas mais diversas oportunidades, principalmente no mercado de trabalho, no acesso à educação e a saúde de qualidade.

A temática das questões raciais é muito significativa, pois nos faz refletir e entender como os preconceitos e as desigualdades afetam negativamente a população negra de modo global. Dessa forma, a luta contra o racismo é de ordem coletiva e exige medidas que visem a igualdade e a justiça social. Nos desdobramentos da história do Brasil, a eugenia teve um impacto muito forte na sociedade de brasileira. Como coloca Rocha (2010), a eugenia consiste no melhoramento da espécie humana em termos de raça, e no Brasil, um país com muita miscigenação, acreditava-se que a sociedade tinha que passar por um processo de embranquecimento, onde a imigração europeia tinha um papel fulcral nesse processo. As doutrinas eugênicas no Brasil não tiveram êxito quanto ao embranquecimento da população, mas tiveram sucesso em perpetuar a aversão ao povo negro. Sendo assim, o sucesso dessa política se expressa na medida que se constata na população brasileira o desgosto em se ver como negro, e, portanto, que os outros a vejam como tal. Portanto, são traços de nossa sociedade existentes até hoje e que se constituem dentro do racismo estrutural. Um dos maiores nomes da Literatura Brasileira, Machado de Assis, foi vítima desse movimento que aconteceu no país. Ao observarmos suas fotografias, percebemos que a tonalidade de sua cor foi alterada, pois ele era um homem negro e as imagens por muito tempo não demonstravam isso. Também cabe lembrar que a injúria racial passou a ser tipificada como crime de racismo recentemente, com a Lei 14.532/2023 (Brasil, 2023a).

Por outro lado, a representatividade de pessoas negras em diversos espaços de destaque é muito significativa, visto que é uma forma de evidenciar a

justiça social, assim como inspira outros indivíduos negros a ocuparem posições de influência na sociedade. Silva e Euclides (2018, p. 51) afirmam que: “Quando uma mulher negra ocupa um espaço público como a universidade – até então com predominância de pessoas brancas, sejam homens sejam mulheres –, desperta o desejo e a motivação para as demais também ingressarem nesse espaço”. Portanto, percebemos o quanto a representatividade é um instrumento poderoso para que as demais pessoas negras olhem para si mesmas e digam: eu também posso. Além disso, a representatividade também permite a quebra de estereótipos negativos acerca das características e traços negros. Nesse sentido, a música do *rapper* Rincón Sapiência (2016) nos faz refletir sobre essas questões quando versa: “[...] quente que nem a chapinha no crespo, não! Crespos estão se armando. Faço questão de botar no meu texto que pretas e pretos estão se amando”. Novamente, vemos que a representatividade quando atrelada a cultura, nos possibilita enxergar que nossos traços são belos e que estamos aceitando o que não deveria ser aceito, pois sempre deveria ser respeitado e não estereotipado.

A formação inicial docente é uma temática muito importante dentro do meio acadêmico na medida em que é discutido como está sendo desenvolvido a formação de professores, assim como os processos que abarcam o campo da educação. Diante disso, é relevante pensarmos que a formação oferecida nos cursos de graduação em licenciatura deve ser qualificada para que os discentes consigam exercer a profissão no futuro adequadamente. Nos desdobramentos destes cursos, é notório a constituição de novos professores com o pensamento reflexivo e crítico, bem como estão preocupados em manter atualizado suas práticas ao longo da sua carreira. Batista, David e Feltrin (2019, p. 5) dialogam com a afirmação anterior quando colocam que: “Entretanto, essa formação não é concluída com a entrega do diploma de licenciado. A formação docente ocorre por toda a vida do professor e está vinculada aos desafios e inquietudes que permearão sua atuação profissional”. Desta forma, compreendemos as experiências e as investigações realizadas são um processo dinâmico durante a formação inicial e continuada, contribuindo para suas qualificações. Os autores também destacam o quanto é significativo a participação dos alunos de graduação em espaços extracurriculares de aprendizagem, como a Residência Pedagógica e o PIBID, pois além de enriquecer a sua formação, também conseguem articular melhor a teoria com a prática.

Por outro lado, a formação inicial de professores enfrenta alguns desafios como as questões curriculares, ocasionando a desarticulação entre os saberes teóricos e práticos, principalmente, entre a Geografia Acadêmica e a Geografia Escolar. Ao longo da graduação, os estudantes aprofundam-se acerca dos debates teóricos nas disciplinas obrigatórias e eletivas da ciência geográfica, contudo, poucos docentes abordam esses conteúdos atrelados ao ensino e isso afeta diretamente na maneira em que esses assuntos serão ensinados no ensino básico. Também é relevante ressaltar a falta de articulação entre as disciplinas de cunho pedagógico e a prática docente, uma vez que há um certo afastamento das diferentes realidades, isto é, ler um texto e debater sobre pessoas com deficiência é um fator, a partir do momento em que se está na instituição de ensino e que não há recursos para lidar com determinados acontecimentos com estes indivíduos é outro fator. Neto e Barbosa (2010) afirmam que a atuação dos professores de Geografia apresenta algumas dificuldades quanto ao seu ensino, tornando-os muitas vezes dependentes do livro didático e reforçando o olhar de que esta disciplina é de caráter memorística e desinteressante. Entretanto, Callai (2020) e Cavalcanti (2013) nos convidam a pensar que para que os alunos tenham aprendizagens significativas, é necessário saber para quem irá ensinar e abordar a Geografia da vida nas aulas, visto que a escola reflete a vida deles e estes experimentam a Geografia todos os dias e de diferentes formas, basta que nós professores saibamos fazer uma transposição didática entre a Geografia Acadêmica e a Geografia Escolar.

A vontade de pesquisar a temática da presente investigação se deu a partir da minha trajetória escolar e acadêmica. Estudei durante todo meu Ensino Fundamental em uma escola municipal na zona sul de Porto Alegre e nos desdobramentos desse período, não tive nenhuma professora ou professor negro. Na infância eu sonhava em ser uma astronauta, assim como uma ginasta olímpica como a Daiane do Santos ou até bailarina, contudo, já percebia o quanto gostava de estudar, ensinar meus colegas e de estar na escola. Hoje, consigo perceber que durante muito tempo eu não expressei o desejo de ser professora, pois não tinha a representatividade de uma pessoa semelhante a mim na qual pudesse me inspirar ou até mesmo acreditar que pessoas como eu pudessem ser professora. Quando cheguei na antiga oitava série, a professora de Português veio a se aposentar e, para minha surpresa, a nova professora era uma mulher negra; nesse momento falei

para mim mesma “tu também podes ser uma professora, voa”. No Ensino Médio frequentei um dos mais tradicionais colégios da rede estadual e, novamente, só tive um professor negro quando estava no terceiro ano. Quando fiz um curso popular preparatório para o vestibular, foi a primeira vez que vi mais de 5 professores negros na mesma instituição, entretanto, ao ingressar-me na graduação, entre tantos professores, há somente um professor negro. Dada a inexistência da presença e ocupação de pessoas negras na área da Educação, surgiu minha vontade de trabalhar com este tema.

Não é incomum encontrarmos estudos acerca de professores(as) negros(as) na comunidade científica, entretanto, há uma carência de trabalhos sobre professoras negras de Geografia especificamente. A perspectiva quantitativa desse problema é evidenciada numa pesquisa simples de trabalhos acadêmicos, dado que não existem estudos diretos sobre isso na Geografia ou no campo das juventudeS, mas também quando se observa nas escolas e universidades o baixo número de professores e alunos negros, não só na Geografia, mas em muitos outros cursos e disciplinas. Para além disso, é relevante colocar também que a presença de profissionais negros no ensino tem um impacto importantíssimo não somente para os alunos, mas também na comunidade escolar que está em volta e é composta por pessoas negras. Somado a isso, a sua presença também possibilitará uma abordagem mais crítica acerca das temáticas dos conteúdos, visando as questões raciais e de gênero. Portanto, é entendido como fundamental promover uma produção acadêmica que vise demonstrar visibilidade e a valorização das professoras negras de Geografia, a fim de proporcionar novos debates e outras dimensões sobre as questões étnico-raciais atreladas ao gênero no campo da Geografia, da Educação e das juventudeS contemporâneas.

O estudo sobre as professoras negras em sua formação inicial no curso de Geografia tem a intenção de fomentar a representatividade, bem como a igualdade de oportunidades no mercado de trabalho, principalmente no campo educacional e isso também permite o olhar de que a Educação é um objeto de transformação social. Além da visibilidade e do reconhecimento dessas professoras, é relevante observar que a diversidade dentro do corpo docente nas universidades e nas escolas no ensino básico possibilita que os estudantes se sintam representados e acreditem que podem ocupar diferentes áreas profissionais. A pesquisa também

contribui para a (re)elaboração de políticas públicas direcionadas a esse público, assim como demonstra a relevância que as políticas de ações afirmativas têm para que muitos jovens negros e negras consigam ter acesso à educação e ao trabalho.

O problema quantitativo da questão - por que há tão poucas professoras negras na Geografia? -, em parte, se deve ao racismo estrutural de nossa sociedade, que, por questões de poder e privilégio, traça limites nas vidas das pessoas negras. Então, dado esse contexto de escassez de estudos na Geografia quanto a trajetória das professoras negras, mostra-se a importância de um estudo que traga as questões raciais – ainda muito importantes em nossa sociedade – e as questões de gênero e que, desse modo, possam contribuir para o debate racial de maneira geral, e que possa levar mais pra perto questões raciais para a Geografia, bem como contribuições para o campo da Educação, pois as trajetórias dessas professoras são relevantes para as novas e os novos professores que estão se formando e também para os que já estão formados, visto que a fala deles pode revelar processos de formação de identidade docente e métodos de ensino.

O objetivo central busca analisar os impactos das condições de ser mulher, negra e jovem na formação inicial docente de licenciandas em Geografia em uma Universidade pública do sul do país. Como objetivos específicos, é pretendido 1) Conhecer quem são as jovens negras licenciandas em Geografia participantes da pesquisa; 2) Identificar as perspectivas dessas jovens acerca do ser mulher no contemporâneo; 3) Compreender as relações dessas jovens com as questões raciais e 4) Verificar as relações entre ser jovem, ser mulher negra e professora de Geografia.

O trabalho está organizado, para além da apresentação da introdução, no referencial teórico que está dividido em duas partes: a primeira aborda o breve estado da arte, bem como o segundo trata-se dos quatro eixos escolhidos para essa pesquisa, tais como: a) sobre as juventudeS; b) sobre os estudos de gênero; c) sobre as questões raciais e d) sobre a formação inicial de professoras de Geografia. Em seguida, é apresentada as etapas do percurso metodológico e as maneiras que serão feitas as análises de conteúdo. Os resultados estão subdivididos em: caracterização; ser jovem; ser mulher; ser negra e ser professora de Geografia. Por último, o trabalho apresenta suas considerações (não tão) finais.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo abordarei em duas partes os temas e conceitos abordados por esta pesquisa. A primeira parte é um breve estado da arte, a fim de evidenciar os elementos comuns que constituem os debates e discussões recentes; e a segunda parte expõem os conceitos trabalhados nesta pesquisa, com o objetivo expor ao leitor as ideias que mobilizam o pensar deste trabalho.

### 2.1 UM BREVE ESTADO DA ARTE

A presente pesquisa preocupou-se em realizar um breve estado da arte sobre os temas que permeiam este estudo: juventudeS, feminismo, racismo e formação docente. Para isso, foi utilizado o *Google Acadêmico*, sobre o qual delimitou trabalhos acadêmicos de maior relevância entre os anos de 2019 e 2023. As palavras-chaves utilizadas, junto do operador booleano “AND”, foram: juventudeS + feminismo; juventudeS + raça; e juventudeS + formação docente + geografia. Após configurar a pesquisa e realizá-la, foram selecionados os dois trabalhos acadêmicos considerados de maior relevância pelo buscador e que se relacionaram melhor com os temas da pesquisa. No quadro a seguir podemos observar os trabalhos escolhidos e algumas especificações acerca deles, tais como: a categoria; o nome do(a) autor(a); o título do trabalho; o ano em que foi publicado e o tipo de trabalho, variando entre artigo, dissertação ou tese.

Quadro 1 – Trabalhos selecionados

	<b>Nome</b>	<b>Trabalho</b>	<b>Ano</b>	<b>Tipo</b>
<b>Juventudes e Feminismo</b>	CARRERA, Ana Daniele Mendes; BASSALO, Lucélia de Moraes Braga	Eu sou feminista: narrativas de jovens universitárias	2022	Artigo
	FERRO, Elaine Gomes	“Ela é mais feminista do que eu”: narrativas de jovens universitárias sobre feminismos nas redes	2023	Tese
<b>Juventudes e Raça<sup>4</sup></b>	NETO, Miguel de Souza Lacerda; JUNIOR, Sergio Dias Guimarães; FRANÇA, Bruno Alves de	Quando uma ideia nos toma o mundo: reflexões sobre juventude, raça e trabalho no Brasil pandêmico periféricas	2022	Artigo
	AMBROSIO, Letícia	Raça, gênero e sexualidade: perspectiva afrodiaspórica e interseccional sobre o cotidiano das juventudes	2022	Artigo
<b>Juventudes e Formação Docente em Geografia</b>	PONTES, Robson Sales	Perspectivas e desafios da formação docente em geografia: uma análise da formação no PIBID/UEPB	2019	Dissertação
	DINIZ, Rodrigo Gavioli; PEREIRA, Ana Paula Camilo	Iniciação científica na formação docente em Geografia: uma análise sobre as universidades públicas de Mato Grosso do Sul	2020	Artigo

Organização: a autora (2023)

As leituras selecionadas nos dão uma amostra do que tem sido pensado dentro das temáticas pesquisadas, e por mais que sejam poucos os trabalhos, encontra-se ideias comuns, mostrando, em certa medida, que há congruência sobre determinados pontos dentro dos recortes realizados e que estes demonstram influenciar as discussões atuais, na medida em que seguem de publicações mais antigas para publicações mais recentes.

Dessa forma, buscar-se-á neste breve estado da arte focar naquilo que se mantém constante dentro do debate, visto que isso expõem as bases do que tem

<sup>4</sup> O termo raça foi escolhido nesta pesquisa pelo seu sentido analítico, dado que ele significativamente orienta e ordena o discurso sobre a vida social no Brasil (Guimaraes, 2003).

sido levantado pelos trabalhos acadêmicos. Também cabe refletir que, devido à amostra ser pequena - dois trabalhos por tema -, não analisar os temas que surgiram em torno daquilo que foi pesquisado é reconhecer os limites deste estado da arte – o que faz jus ao seu adjetivo “breve” -, sendo, portanto, mais proveitoso, neste caso, focar naquilo que possui de comum e constante no debate. Também destaco que nesta pesquisa de estado da arte constatou-se poucos trabalhos dentro de todos os temas pesquisados, mostrando que a área das juventudes tem muito a crescer academicamente.

Os estudos realizados por Carrera e Bassalo (2022) e Ferro (2023) acerca das juventudeS e feminismo nos revelam que este movimento possui um potencial conscientizador para as jovens da pesquisa, uma vez que aperfeiçoa a compressão das relações entre ser jovem e ser mulher; além disso, o feminismo permitiu a conscientização de outras opressões como o racismo, o que possibilita desenvolver uma ótica interseccional sobre a realidade. Também é levantado a significância de romper com a perspectiva de submissão das mulheres e da dominação masculina. A educação quando trabalhada em conjunto com o feminismo proporciona ideias de liberdade, resistência, emancipação e força, enquanto desconstrói estereótipos e questiona as relações de poder.

Quando analisado as temáticas sobre juventudeS e raça, observamos que há a percepção comum nos trabalhos de Neto, Junior e França (2022) e de Ambrosio (2022) que a sociedade brasileira está estruturada pelo racismo, que atinge aos jovens negros sob forma de dominação e exploração, precarizando a vida destes indivíduos. Os autores também versam o quanto é necessário que as pesquisas sobre desigualdades sociais no Brasil reconheçam a raça como um elemento fulcral na produção dessas desigualdades, visto que somente através desse reconhecimento e de uma abordagem crítica é possível avançarmos para uma sociedade mais justa e igualitária para todos. Nesse sentido, as políticas públicas desempenham um papel fundamental no combate do racismo estrutural e promove a inclusão social, o acesso à educação de qualidade e ao mercado de trabalho.

Já quanto aos temas juventudeS e formação docente em Geografia, verificamos que Pontes (2019) e Diniz e Pereira (2020) nos mostram a importância

da formação teórica em consonância com a formação prática dentro dos cursos de Geografia, que melhora a assimilação e preparação dos discentes para a atuação profissional ou até mesmo o desenvolvimento acadêmico dentro de uma formação continuada. A pesquisa, além de ser uma construção técnica do conhecimento, exerce um papel relevante como metodologia de ensino, assim como nos possibilita desenvolver reflexões e o pensamento crítico. Desse modo, a formação extracurricular gera possibilidades a partir de programas universitários, como o PIBID ou bolsas de Iniciação Científica, que possuem grande importância no processo formativo dos estudantes de Geografia.

## 2.2 CONCEITOS MOBILIZADOS PELA PESQUISA

### 2.2.1 Sobre as JuventudeS

O que são juventudeS? Esse conceito é uma construção social, portanto, varia de época e contexto. Desse modo, é importante entender que todas as definições do termo juventude são convenções, ou seja, criações humanas datadas e localizadas, e que, portanto, respondem a interesses, sejam eles de grupos dominantes ou não. Segundo Cassab (2011), há três tipos principais de definições das juventudes: 1) a etária, a mais frequentemente utilizada para políticas públicas e instituições, muito em razão de ser uma definição mais objetiva; 2) a que considera a juventude como um período de transição entre a infância e a fase adulta<sup>5</sup>; e 3) a noção de juventude como um eterno devir, ou seja, um projeto de futuro, mas que acaba por negar o presente. Atualmente, para a UNESCO (2004), as juventudeS definem-se pela classificação etária, que é entre 15 e 24 anos, sendo este período considerado uma etapa de formação para a vida adulta, onde ocorrem diversas transformações e a ocupação nas instituições de ensino ou no mercado de trabalho; no Brasil, conforme o Estatuto da Juventude (Brasil, 2013), esta classificação etária se estende, pois são classificados jovens indivíduos entre os 15 e 29 anos<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Não acreditamos no entendimento da juventude como um mero “trampolim” entre a infância e a vida adulta, mas que se trata de uma fase da vida com suas características próprias.

<sup>6</sup> Em outras realidades, a faixa etária que compreende as juventudeS varia. Para a ONU, a classificação inclui os indivíduos que tem entre 10 e 24 anos (ONU, 2015). No México, engloba os sujeitos que compreendem a idade entre os 12 e 29 anos (IMJUVE, 2014). Na Colômbia, a idade para juventude abrange dos 14 aos 28 anos (Colômbia, 2013).

Como construção social, as juventudeS existem de diferentes modos de ser e estar na sociedade contemporânea, e a maneira como se manifestam ou simplesmente deixam sua marca por onde transitam, é um compilado heterogêneo (Vieira, 2022). Por heterogeneidade, podemos colocar as disparidades entre jovens ricos e jovens pobres; jovens do gênero masculino e jovens do gênero feminino; assim como jovens brancos e jovens negros e jovens indígenas ou até mesmo jovens urbanos e jovens do campo. Dentre esses poucos exemplos, podemos entender a multiplicidade do seu conceito e, por isso, coloco ao longo da minha escrita a letra “s” da palavra juventudeS em maiúsculo.

Pais (2003, p. 98), uma das mais importantes referências mundiais no campo das juventudeS, corrobora com a discussão quando versa que “[...] a juventude deve ser olhada não apenas na sua aparente unidade, mas também na sua diversidade”, pois não há um único conceito de juventude, que possa envolver todos os campos semânticos que a ela estão associados”. Desta forma, novamente é reforçado a heterogeneidade presente entre os jovens, pois existe um universo de características, experiências e perspectivas diferentes entre eles e por isso não podemos padronizá-los. Compreender a diversidade dos jovens nos possibilita observar suas diferentes realidades na vida cotidiana e que suas manifestações ocorrem individualmente e coletivamente, sendo a segunda mais percebida quanto ao modo como agem e são percebidos nos espaços que criaram seus referenciais de identidade.

Tendo a heterogeneidade como um dos principais pilares desse campo de pesquisa, verifica-se variadas maneiras de expressões juvenis, que se estabilizam enquanto cultura, ou seja, as culturas juvenis. Sobre isso Feixa (1998) diz que:

En un sentido amplio, las culturas juveniles se refieren a la manera en que las experiencias sociales de los jóvenes son expresadas colectivamente mediante la construcción de estilos de vida distintivos, localizados fundamentalmente en el tiempo libre, o en espacios intersticiales de la vida institucional. (p. 32).<sup>7</sup>

As culturas juvenis são um fenômeno importante nos estudos das juventudeS, na medida que são a expressão de disparidades entre os diferentes

---

<sup>7</sup> Num sentido amplo, as culturas juvenis referem-se à forma como as experiências sociais dos jovens se expressam coletivamente através da construção de estilos de vida distintos, situados fundamentalmente no tempo livre, ou em espaços intersticiais da vida institucional [tradução nossa].

grupos juvenis, bem como nos diz respeito a nossa sociedade, na medida em que esta os influencia também. A cidade é o principal lócus onde se desenvolvem as culturas juvenis e Oliveira e Lacerda (2018, p. 123) colocam que “[...] os jovens constroem a cada dia uma nova cidade”, visto que sua presença e suas ações são percebidas nas escolas, nos parques públicos, nos movimentos estudantis, bem como nos movimentos artísticos, entre outros.

Trazendo para o debate os dois últimos elementos colocados, do ponto de vista dos movimentos estudantis, chamo a atenção para as ocupações das escolas nos anos de 2015 e 2016; Groppo, Borges e Ferreira (2023) ressaltam que esses jovens estudantes se permitiram experienciar práticas políticas e pedagógicas por meio de aulas, oficinas, debates, entre outras atividades durante as ocupações. Isso demonstra que os jovens também se manifestam politicamente e essa ação conota um protagonismo juvenil, assim como o pertencimento a um grupo. A música também compõe a cultura juvenil, uma vez que pode servir como uma válvula de escape para manifestar seus sentimentos ou conhecimentos, assim como é vista como uma oportunidade de trabalho, de lazer, formas de sociabilidade próprias, bem como determina um modo de ser jovem (Dayrell, 2003).

### 2.2.2 Sobre as questões de gênero

Ao longo da história o movimento feminista visou a igualdade entre homens e mulheres, em diversos campos, como na política, na economia e na sociedade em geral. O movimento surgiu no final do século XIX (Pinto, 2010) e, desde então, tem conquistado avanços significativos em termos de direitos e equidade de gênero em diversas partes do mundo, a exemplos de leis de igualdade salarial entre homens e mulheres<sup>8</sup>, direito ao aborto, ao voto e promoção da inclusão de mulheres em espaços onde predominam homens. Desse modo, o objetivo principal do feminismo é combater a discriminação, o machismo, a violência e todas as formas de opressão

---

<sup>8</sup> Recentemente, no Brasil, foi aprovada Lei nº 14.611, que determina a igualdade salarial entre mulheres e homens por meio da implementação de mecanismos de transparência salarial e remuneração nas empresas. Além disso, o projeto prevê o aumento da fiscalização e a aplicação de multas como medidas de garantia (Brasil, 2023b).

e desigualdade sobre as mulheres. Apesar dos avanços, a luta pela igualdade a qual o feminismo almeja, está longe de ser alcançada.

O feminismo é um movimento complexo, e suas discussões teóricas acerca do feminismo abrangem muitas linhas de pensamento antagônicas, perpassando desde pensadoras liberais até pensadoras marxistas revolucionárias. Tendo em vista as principais linhas antagônicas de pensamento feminista, para as liberais, as soluções passam por uma radicalização do liberalismo sob determinados aspectos, na medida em que este lhes garantiria o poder de escolha sobre suas ações e controle sobre o seu corpo, visto que este é sua propriedade e de sua autonomia (Cyfer, 2010). No entanto, pensadoras revolucionárias enunciam que, radicalizar o poder de escolha e autonomia das mulheres não é a solução definitiva sobre o problema, pois trata-se de uma questão sistêmica, na medida em que a estrutura patriarcal a qual vivemos, e da qual o capitalismo se estabelece, impõem-se pela violência simbólica e física sobre mulheres, em detrimento do privilégio dos homens, necessitando-se, portanto, de uma mudança em nosso sistema econômico, político e social. O feminismo negro sempre se demonstrou majoritariamente a favor do lado desta segunda corrente, a revolucionária, de modo a entender que o capitalismo é uma barreira para profundas mudanças na sociedade, visto que este sistema se alimenta das desigualdades e relações de subalternização e inferiorização dentro de sua lógica de reprodução.

Também é importante pensar que o feminismo não deve interessar somente às mulheres, na medida em que os homens, apesar de privilegiados, sofrem em alguma medida dentro dessa estrutura. Como bem lembra Hooks (2018), o patriarcado tem um preço:

“Em troca de todas as delícias que os homens recebem do patriarcado, é exigido que dominem as mulheres, que nos explorem e oprimam, fazendo uso de violência, se precisarem, para manter o patriarcado intacto. A maioria dos homens acha difícil ser patriarca. A maioria dos homens fica perturbado pelo ódio e pelo medo de mulher e pela violência de homens contra mulheres, até mesmo os homens que disseminam essa violência se sentem assim. Mas eles têm medo de abrir mão dos benefícios. Eles não têm certeza sobre o que vai acontecer com o mundo que eles já conhecem tão bem, se o patriarcado mudar. Então acham mais fácil apoiar passivamente a dominação masculina, mesmo quando sabem, no fundo, que estão errados” (p. 13 e14).

Desse modo, o feminismo não deve servir somente às mulheres, mas aos homens também, que, na inexistência de sua dominância, não precisaram mais sustentar o fardo do patriarcado em suas vidas, mas que necessita que estes renunciem aos seus privilégios enquanto homens. É com base nisso que o feminismo se assenta, ou seja, na luta contra opressão às mulheres e pela igualdade de direitos, sendo algo que beneficiaria a ambos os sexos e extirparia os privilégios.

O feminismo negro, por sua vez, lança luz sobre a questão racial, que durante muito tempo foi negligenciado dentro deste movimento e, com isso, surgiram grandes autoras que vão discorrer justamente sobre a necessidade de se pensar essa pauta. Gonzalez (2020) nos diz que:

Exatamente porque tanto o sexismo como o racismo partem de *diferenças biológicas* para se estabelecerem como ideologias de dominação. Surge, portanto, a pergunta: como podemos explicar esse “esquecimento” por parte do feminismo? A resposta, em nossa opinião, está no que alguns cientistas sociais caracterizam como *racismo por omissão* e cujas raízes, dizemos, estão em uma visão de mundo eurocêntrica e neocolonialista (p. 141).

Em síntese, o preconceito sexista e racial é interligado e surgiu a partir das diferenças biológicas entre os indivíduos, tornando-se uma poderosa ideologia de dominação que promove a desigualdade e a opressão de mulheres e homens negros (Carneiro, 2019). Nos primórdios do movimento feminista não era contemplado as discussões acerca de raça e etnia, visto que o eurocentrismo estava latente entre as sujeitas e, infelizmente, acabou prolongando a desigualdade política, econômica e social das mulheres negras, assim como contribuiu também para o silenciamento de suas vozes e de seu protagonismo (Davis, 2016). Contribuindo para o debate, Hooks (2018) via a necessidade de desenvolver a sororidade completa entre as mulheres como antídoto à divisão racial dentro do debate feminista. Sobre isso, diz a autora:

A sororidade feminista está fundamentada no comprometimento compartilhado de lutar contra a injustiça patriarcal, não importa a forma que a injustiça toma. Solidariedade política entre mulheres sempre enfraquece o sexismo e prepara o caminho para derrubar o patriarcado. É importante destacar que a sororidade jamais teria sido possível para além dos limites de raça e classe se mulheres individuais não estivessem dispostas a abrir mão de seu poder de dominação e exploração de grupos subordinados de mulheres. Enquanto mulheres usarem poder de classe e de raça para dominar outras mulheres, a sororidade feminista não poderá existir por completo. (p. 36)

Dessa maneira, entende-se que a empatia, a solidariedade e a união entre as mulheres, expressas através da sororidade, são muito significativas, pois possibilitam uma sociedade mais igualitária. No entanto, para que a sororidade alcance seu potencial, é importante que as mulheres não usem seus privilégios para dominar suas iguais.

### 2.2.3 Sobre as questões raciais

A questão racial no Brasil perpassa todas as instâncias de nossa sociedade, não cabendo isolar esta problemática em um bloco limitado de perspectivas, muito menos individualizando a questão. Entender o domínio estrutural do racismo demanda um olhar mais profundo. Em relação a isso, diz Almeida (2018, p. 38):

[...] o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural.

Então, o racismo é algo atrelado a cultura, e não é considerado uma patologia – algo anormal – por justamente estar normalizado, ou mesmo naturalizado, nas relações sociais, de maneira que sua presença não é contestada e percebida, mas simplesmente aceita e reproduzida. Cabe atentar que o racismo estrutural não pode ser justificativa para se ter leniência e inação quanto as expressões do racismo, e sobre isso Hooks (2019) nos alerta que, o racismo generalizado na sociedade não pode servir para justificar os atos racistas, pois não somos somente agentes passivos de uma sociedade; em nem mesmo pode ser usado para dizer que negros e brancos fazem parte do problema racial de maneira igual, dado que os negros, ainda que possam reproduzir preconceitos raciais – são as figuras que estão sempre na mira da estrutura racista de nossa sociedade, portanto, os principais prejudicados.

No Brasil, o estabelecimento dos movimentos sociais negros foi muito relevante na medida que atuou na luta contra a segregação racial no país, apontando o racismo na sociedade, resgatando e fortificando a cultura afro-brasileira e promovendo a inserção das políticas de ações afirmativas. Isso tudo acarretou o aumento da presença de pessoas negras nas universidades, organizações públicas

e outros espaços onde os negros não eram vistos. No caso do termo raça, Gomes (2012) fala que:

Ao politizar a raça, esse movimento social desvela a sua construção no contexto das relações de poder, rompendo com visões distorcidas, negativas e naturalizadas sobre os negros, sua história, cultura, práticas e conhecimentos; retira a população negra do lugar da suposta inferioridade racial pregada pelo racismo e interpreta afirmativamente a raça como construção social; coloca em xeque o mito da democracia racial.

Desse modo, a raça passa a ter importância central na luta negra. Politizá-la permitiu constituí-la como fonte de identidade, que por muito tempo foi apagada e hostilizada. A democracia racial, por sua vez, imperou e ainda se faz significativamente presente sobre a sociedade brasileira, de modo a transparecer nas relações raciais de nossa sociedade um ar de igualdade, como se a miscigenação anulasse os problemas raciais, ou que estes fossem pouco significativos para as relações sociais. É uma ideologia que fomenta uma suposta igualdade em razão da miscigenação, mas que acaba prejudicando a população negra na medida que, negar as desigualdades raciais, é deixar de intervir sobre um problema do racismo no Brasil. É justamente contra essa ideologia que ainda permeia nosso país que a ressignificação da ideia de raça se mostra eficaz, pois luta contra o apagamento dos negros.

Por muito tempo, infelizmente, a população negra não teve acesso à educação em razão da discriminação racial por parte da sociedade e isso colaborou fortemente para o aumento da desigualdade social entre os indivíduos pretos. Nesse sentido, Silva (2007) assinala que:

[...] a situação dos africanos escravizados, de seus filhos e descendentes. A eles foi negada a possibilidade de aprender a ler, ou se lhes permitia, era com o intuito de inculcar-lhes representações negativas de si próprios e convencê-los de que deveriam ocupar lugares subalternos na sociedade (p. 495).

Diante disso, é notório que essa limitação que foi imposta para esse grupo étnico ocasionou a desigual distribuição de oportunidades, por exemplo, no campo educacional e no mercado de trabalho e quando permitida, era apenas para reforçar estereótipos pejorativos sobre eles.

Com a implementação da Lei 10.639/2003 (Brasil, 2003), foi determinado a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no ensino básico, a qual visa o reconhecimento da população negra na formação da sociedade

brasileira e possibilita o debate sobre preconceito e discriminação racial. Hooks (2017) nos faz refletir que a escola deveria ser um locus de empoderamento coletivo e de transformação social. Pois, nessa perspectiva, os docentes podem promover debates que visam refletir questões sociais como o do racismo e do antirracismo, bem como oportuniza a produção de conhecimento, o protagonismo e a cidadania política das minorias étnicas.

#### 2.2.4 Sobre formação inicial de professoras de Geografia

A formação inicial de professores de Geografia trata-se de um processo que envolve uma comunhão entre os saberes teóricos e práticos dentro do período da graduação do curso de Geografia. A formação inicial se diferencia da formação continuada, na medida em que esta última se refere às formações posteriores à graduação, como os mestrados e doutorados, por exemplo. A relação entre a formação inicial e a continuada se demonstra fundamental, na medida que é uma maneira de os professores se atualizarem acerca de sua prática profissional. A formação inicial de professoras de Geografia, no entender de Castrogiovanni e Vallerius (2022, p. 134), deve compreender:

Para o enfrentamento dos múltiplos desafios que se impõem na trajetória formativa dos professores, defendemos que a formação de professores (acadêmica e continuada) deve ser balizada em uma perspectiva crítica-reflexiva-complexa e na construção de uma escola que verdadeiramente forme o sujeito para a participação social consciente e solidária (cidadã), onde as verdades são muitas e as dúvidas são constantes.

Em suma, uma formação inicial qualificada incita o profissional da educação a preocupar-se em refletir e criticar constantemente sobre a realidade política e social em que vivemos, assim como nas suas práticas docentes, pois quando o autor assinala que as verdades são muitas e as dúvidas são constantes, significa que todas essas práticas são dinâmicas. Também é significativo quando promovem novos debates para melhorar as grades curriculares das universidades, por exemplo. Dado que há um distanciamento considerável entre a Geografia Acadêmica e a Geografia Escolar (Dias e Rockenbach, 2016).

A falta de articulação entre a Geografia Acadêmica e a Geografia Escolar nos desdobramentos da formação inicial ainda é uma questão latente, visto que os

estudantes apresentam dificuldades para estabelecer relações entre elas, bem como reflete na sua prática docente. Cavalcanti (2011, p.9) assinala a importância desses dois eixos quando diz:

Dessa forma, investir na problematização da Geografia escolar como um eixo comum às disciplinas de todo o curso de formação pode resultar em boa efetivação da meta de construção de conhecimentos geográficos mais significativos para o professor de Geografia, o que por sua vez lhe dará mais competência para atender às demandas de sua atividade profissional.

Portanto, a contemplação da Geografia Escolar ao longo de todas as disciplinas se mostra pertinente, pois estimula a interdisciplinaridade dentro da própria Geografia e permite uma melhor compreensão dela, assim como qualifica o trabalho e a identidade docente. Copatti e Callai (2018) corroboram com o debate anterior quando manifestam que é fundamental que na formação inicial de professores seja estimulada nos discentes a prática do ensino e da aprendizagem da Geografia Escolar, visto que isso é indispensável para a constituição de uma formação consistente a partir da ciência geográfica, bem como possibilitará uma melhor transposição didática no processo de aprendizagem dos alunos e contribuindo para sua formação cidadã.

Como contraponto da ideia anterior, Castellar (2006) nos convida a refletir que durante muito tempo a Geografia era ensinada de maneira superficial e com caráter memorística – fruto da corrente de pensamento da Geografia Tradicional – e isso reforça mais uma vez a importância da Geografia Escolar, sendo uma ponte entre a didática e a epistemologia da Geografia.

A pesquisa na formação inicial docente é muito significativa na medida em que nos estimula a pensar, a questionar e aprender sobre as diversas áreas do conhecimento através de uma leitura atenta e crítica das referências teóricas, tornando-se uma importante metodologia de ensino (Pontuschka, 2010). Na pesquisa também temos a possibilidade de (re)aprender novas metodologias de ensino, bem como identificar os desafios presentes nos desdobramentos da formação inicial. Desta maneira, os Programas Institucionais de Bolsas de Iniciação Científica (IC) e à Docência (PIBID) tem um papel importantíssimo na formação inicial de professores de Geografia em razão proporcionar uma aproximação com a pesquisa, como executá-la, além de oportunizar um conhecimento teórico mais aprofundado em uma área atrelada com a práxis (Melo e Lyra, 2020).

### 3. METODOLOGIA

O presente trabalho se valeu de uma abordagem qualitativa. Diferentemente da abordagem de uma pesquisa quantitativa, que tem ênfase na mensuração, a pesquisa qualitativa estabelece para si outros objetivos e métodos. Segundo Flick (2009):

“os pesquisadores qualitativos escolhem os participantes propositalmente e integram pequenos números de casos segundo sua relevância. A coleta de dados é concebida de uma maneira muito mais aberta e tem como objetivo um quadro abrangente possibilitado pela reconstrução do caso que está sendo estudado.” (p.23)

Desse modo, a pesquisa qualitativa permite um maior aprofundamento e detalhamento dos sujeitos, o que permitiu chegar com mais qualidade no objeto de interesse deste estudo. Também se trata de uma pesquisa exploratória que possibilita uma maior proximidade com o problema, visando evidenciá-lo ou definir hipóteses. Em relação aos procedimentos técnicos, a pesquisa também se comportou como um estudo de caso, o qual envolveu uma análise profunda de alguns objetos de maneira que se permitiu o seu amplo e detalhado conhecimento (Gil, 1999). Neste estudo foram desenvolvidas entrevistas estruturadas com um grupo de indivíduos (Dencker, 2000).

A pesquisa foi realizada em uma universidade pública localizada na região Sul do Brasil. Do ponto de vista da infraestrutura, ela possui diversas bibliotecas com salas de estudo para os estudantes e com acesso à internet, assim como conta com laboratórios de ponta. A universidade também dispõe de vários ambientes colaborativos, desde áreas de convivência, a auditórios para a realização de eventos científicos e museus. Nela são desenvolvidas diversas pesquisas na modalidade da Iniciação Científica, assim como possibilita aos discentes a oportunidade de participarem de atividades de monitoria e extensão. Em relação à mobilidade, a instituição possui um terminal de ônibus próximo e conta com diferentes linhas que atendem o município e a região metropolitana.

As participantes da pesquisa foram as alunas do Curso de Licenciatura em Geografia da referida instituição<sup>9</sup>, que estão realizando sua formação inicial e que se encontram dentro da faixa etária considerada como jovem. É importante ressaltar

---

<sup>9</sup> De acordo com dados da própria Universidade (referência omitida para fins de garantia do anonimato), o curso de Geografia da instituição conta com número em torno de 35% de estudantes mulheres.

que foram selecionadas apenas as alunas que se identificaram como negras, visto que o recorte racial é um dos elementos centrais da pesquisa.

Como instrumento de coleta de dados, a pesquisa se valeu de entrevistas estruturadas – disponível no anexo A –, as quais tiveram uma duração de aproximadamente 1h, com as sujeitas da pesquisa. A entrevista, define Gil (2008), é uma “[...] técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação”. Nesta pesquisa, a entrevista serviu como forma de captar, através das falas das sujeitas, relatos de suas experiências pessoais ou suas expectativas referentes ao tema de estudo, além opiniões, observações e críticas.

Quanto a análise dos dados, foi utilizada a análise de conteúdo (Bardin, 1977), a partir de organização das entrevistas, e posteriormente a codificação e categorização delas. Após a realização das entrevistas, foram feitas suas respectivas transcrições e em seguida a confecção da análise dos dados, isto é, foi selecionado as falas mais marcantes de cada entrevistada, a elaboração de nuvem de palavras e quadros. Dessa maneira, a entrevista teve quatro categorias a priori, correspondendo aos quatro objetivos específicos e aos quatro eixos do referencial teórico da pesquisa, quais sejam: I) as jovens contemporâneas; II) a mulher; III) a mulher negra; e IV) a formação inicial de jovens mulheres negras de Geografia. O quadro a seguir ilustra as sessões das entrevistas atreladas aos objetivos específicos e ao referencial teórico.

Quadro 2 – categorias

Objetivos específicos	Eixo do referencial teórico	Sessões das entrevistas
I. Conhecer quem são as jovens negras licenciandas em Geografia participantes da pesquisa.	Juventudes contemporâneas.	Ser jovem.
II. Identificar as perspectivas dessas jovens acerca do ser mulher no contemporâneo.	Questões feministas	Ser mulher.
III. Compreender as relações dessas jovens com as questões raciais	Questões raciais	Ser negra.
IV. Verificar as relações entre ser jovem, ser mulher negra e professora de Geografia	Formação inicial de professoras de Geografia	Ser professora de Geografia.

Organização: a autora (2023)

A primeira parte da entrevista visou conhecer quem são as jovens alunas negras do Curso de Licenciatura em Geografia e como percebem esse momento da vida. A segunda parte, se preocupou em identificar o que é ser mulher. A terceira parte, buscou entender como as alunas observam os desafios de ser uma mulher negra. A quarta parte, procurou verificar as relações entre ser jovem, ser mulher negra e professora de Geografia.

Quanto aos cuidados éticos, o presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) cumpriu todos os requisitos que atende à resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e a instituição assinou o Termo de Anuência (TA) – disponível no anexo B – para a realização desta pesquisa. As sujeitas participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – disponível no anexo C – antes da entrevista, o qual explicou minuciosamente a finalidade da pesquisa e que aceita participar voluntariamente desta etapa da coleta de dados, podendo tirar esse consentimento a qualquer momento. Para assegurar a privacidade e confidencialidade das participantes, foi trocado os seus nomes verdadeiros para o de mulheres negras que foram importantes no Brasil, tais como: Antonieta de Barros<sup>10</sup>, Aqualtune<sup>11</sup>, Carolina Maria de Jesus<sup>12</sup>, Dandara dos Palmares<sup>13</sup>, Laudelina de Campos Melo<sup>14</sup>, Marielle Franco<sup>15</sup>, Tereza de Benguela<sup>16</sup>. Ao final da entrevista, foi disponibilizado um material com uma breve biografia de cada uma das mulheres citadas anteriormente para as participantes da pesquisa escolherem qual delas gostaria que fosse sua representação – disponível no anexo D.

Em relação aos riscos da pesquisa, a possibilidade de desconforto que a aluna poderia experimentar se deu mediante ao compartilhamento de informações pessoais, assim como em alguns pontos sobre os quais ela poderia se sentir desconfortável de falar sobre. A pesquisadora deixou claro que a participante não

---

<sup>10</sup> 1ª mulher negra eleita deputada estadual no Brasil, assim como elaborou o projeto de lei para criar o Dia do Professor.

<sup>11</sup> Princesa congoleza escravizada no Brasil a qual lutou na resistência do Quilombo dos Palmares e avó de Zumbi dos Palmares.

<sup>12</sup> Catadora de papel que se tornou uma das primeiras escritoras negras no Brasil, autora da obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada”.

<sup>13</sup> Mulher negra que atuou como uma das lideranças guerreiras do Quilombo dos Palmares.

<sup>14</sup> Defensora dos direitos das mulheres e das empregadas domésticas, bem como foi diretora da Frente Negra Brasileira (FNB).

<sup>15</sup> Foi uma importante socióloga e vereadora da Câmara do Rio de Janeiro.

<sup>16</sup> Rainha e líder do Quilombo Quariterê.

era obrigada a responder a qualquer pergunta ou fornecer informações que lhe causassem desconforto ao falar sobre elas ou que fossem muito pessoais. Quanto aos benefícios, a pesquisa visa gerar conhecimento científico, bem como trazer benefícios para sociedade e, principalmente, para as professoras e professores que estão em formação inicial e continuada não somente na Geografia, mas em outras disciplinas também; contudo, as participantes da pesquisa em si não receberam benefícios diretos.

## 4. RESULTADOS

Os resultados atingidos a partir das entrevistas foram subdivididos em cinco momentos, quais sejam: a) caracterização do curso de Geografia na instituição de ensino estudada e das participantes da pesquisa; b) ser jovem; c) ser mulher; d) ser negra; e) ser professora de Geografia.

### 4.1 CARACTERIZAÇÃO

O curso de Geografia investigado em uma das universidades públicas da região Sul do Brasil contava, em 2023/01, com aproximadamente 500 alunos, sendo distribuídos entre o curso de Licenciatura e o de Bacharelado. Sob a perspectiva da Licenciatura, há em torno de 200 estudantes matriculados, contudo, deste universo, destaca-se que apenas, aproximadamente, 80 são do gênero feminino, segundo dados da própria Universidade. Com o levantamento feito para esta pesquisa, foram identificadas 3 jovens mulheres negras. Dentre as três alunas identificadas, somente duas aceitaram participar desta etapa da coleta de dados, as quais compartilharam suas experiências de vida e como enxergam os desafios de ser jovem, de ser mulher, de ser negra e de ser professora de Geografia na sociedade contemporânea. Dessa forma, podemos observar que é latente o baixo número de mulheres que estão matriculadas neste curso, sendo mais evidente ainda a baixa ocupação desse espaço universitário pelas mulheres negras. Esse dado é muito expressivo na medida que nos convida a refletir do porquê estas mulheres não estão chegando no curso de Geografia, assim como quais são suas dificuldades de permanecer nesse ambiente.

Quanto às participantes, após concluída a entrevista, foi apresentado um material na qual elas puderam escolher qual mulher negra importante no país seria sua representação neste estudo a fim de assegurar seu anonimato. A primeira entrevistada, escolheu Aqualtune; já a segunda, optou pela Tereza de Benguela. A seguir será apresentado um quadro que traz algumas características acerca delas, como a idade, o local de residência, o semestre de ingresso, o turno, se trabalha e se participa de algum tipo de bolsa na Universidade.

Quadro 3 – caracterização

<b>Participante</b>	<b>Idade</b>	<b>Local de residência</b>	<b>Semestre de ingresso</b>	<b>Turno</b>	<b>Trabalha</b>	<b>Participa de bolsa</b>
Aqualtune	26	Porto Alegre, bairro Camaquã	2018/1	Diurno	Não	Sim
Tereza de Benguela	27	Porto Alegre, bairro Bom Fim	2022/2	Noturno	Não	Sim

Organização: a autora (2023)

Dessa forma, podemos verificar no quadro 3 que as participantes possuem a idade próxima uma da outra, sendo Aqualtune com 26 anos e Tereza de Benguela com 27 anos. Sob o olhar do local de residência, ambas moram no município de Porto Alegre, entretanto, a primeira reside em um bairro que está compreendido na Região Sul e a segunda mora na Região próximo ao Centro Histórico. Sobre o semestre de ingresso e o turno, Aqualtune começou sua graduação no curso de Geografia em 2018/1 no período diurno; Tereza de Benguela nos revelou que já é formada no Bacharelado em Geografia e que solicitou o ingresso diplomado para realizar o curso de Licenciatura em 2022/2 no período noturno. As duas participantes não trabalham fora do ambiente universitário justamente por participarem de bolsas que são de dedicação exclusiva, a primeira entrevistada participa de uma bolsa de Iniciação Científica e a segunda entrevistada possui uma bolsa de mestrado e, portanto, realiza o curso de Licenciatura simultaneamente com a pós-graduação.

#### 4.2 SER JOVEM

A partir do questionamento “para você, o que é ser jovem?”, verificou-se que as entrevistadas trouxeram elementos que vão ao encontro da fala uma da outra, demonstrando que essa etapa que estão vivenciando apresenta experiências e pensamentos comuns, assim como levantaram as diferentes maneiras de ser jovem no mundo contemporâneo. A seguir, será apresentado uma nuvem de palavras que consiste em destacar os termos com mais frequência na fala dos indivíduos a partir do tamanho que eles se apresentam.



Organização: a autora (2023), Elaboração: Voyant Tools (2023)

Desta maneira, identificamos que as palavras “jovem”, “vida”, “descobertas” e “graduação” surgem como os principais pontos abordados pelas jovens participantes. Esses termos nos levam a refletir que ser jovem além de ser um período da vida, também é um momento em que se faz descobertas de modo geral, seja sob a percepção de si mesmo no mundo, seja nos relacionamentos amorosos, seja entre as suas amizades e com os seus familiares também, indo ao encontro do que Oliveira (2015) apontou em sua dissertação. Nesse viés de descobertas, também emerge a questão das dúvidas e das inseguranças, pois nem sempre há certezas ou garantias do que pode acontecer na vida desses jovens. A graduação, por sua vez, aparece relacionada com a importância que o estudo tem nos desdobramentos da vida dos jovens, pois é uma possibilidade para que continuem seus estudos e, posteriormente, consigam oportunidades de se inserir no mercado de trabalho. A palavra “aprender”, embora seja menos expressiva que as anteriores, também se faz relevante na medida que se relaciona diretamente com as outras dimensões discutidas, bem como uma das falas das entrevistadas assinala essa ideia:

“Ser jovem é se sentir com energia, com vontade de fazer as coisas, com vontade de aprender e aberto pro mundo, não estar fechado, nem ranzinza, nem, tipo, sabendo que sabe, pensando que sabe tudo, mas, sim, disposto a aprender. Pra mim é isso.” – Tereza de Benguela

A partir desse trecho, é reforçado o quanto aprender é uma ação que dialoga com as outras expressões, principalmente, quando nos possibilita entender que o aprendizado também motiva os jovens estarem dispostos para fazer as coisas, assim como para descobri-las e explorá-las. Estar aberto para o mundo é permitir-se aprender e experienciar diversas possibilidades que surgem, assim como é importante ter a consciência de que não sabemos tudo, pois o aprendizado é constante e dinâmico.

Por outro lado, existem diferentes modos de ser jovem na sociedade em que vivemos e isso evidencia a heterogeneidade das juventudes contemporâneas. Ao manifestarem-se de maneira distinta, os jovens criam laços de pertencimento e de identidade com os espaços que frequentam e com os outros sujeitos, deixando sua marca por onde transitam. A heterogeneidade também pode ser analisada sob o olhar dos acessos que esses jovens possuem e/ou não possuem, dado que um jovem com alto poder aquisitivo tem muitas oportunidades que os permitem consumir eventos culturais, ter uma educação de qualidade, assim como o acesso a saúde; já um jovem com baixo poder aquisitivo, infelizmente, não desfruta dos mesmos direitos. Diante disso, Moura e Gomes (2022) concordam com as afirmações anteriores quando ressaltam que é impossível padronizar a juventude, visto que suas realidades são plurais e isso reflete nas oportunidades que surgirem. Nesse sentido, as entrevistadas trazem para discussão duas vertentes que se complementam acerca das diferentes performatividades juvenis quando dizem que:

“[...] está dentro do ser jovem ter uma vida socialmente ativa. Não digo que, assim, só vai para festas e bares, mas eventos que tu também faz em casa com os amigos ou até os encontros online. Durante a pandemia, por exemplo, eu e meus amigos, nós nos ligávamos ali no nosso grupo no *WhatsApp*, e nós conversávamos. Claro, não foi um encontro presencial, mas foi um encontro que a gente conseguiu fazer.” – Aqualtune

“[...] ser jovem é estar atento ao que tá acontecendo, participar de movimentos sociais, culturais, e realmente tá aberto pro mundo.” – Tereza de Benguela

Dessa forma, observamos que a vida social dos jovens envolve programas distintos nos quais a presença dos amigos se faz presente, ainda que no período da pandemia da COVID-19 as suas presenças fossem somente virtuais, concordando com o que Oliveira e Santos (2021) afirmaram em seu trabalho. A participação nos diferentes movimentos sociais e culturais também demarca a heterogeneidade juvenil, uma vez que demonstra que os jovens têm um papel ativo na sociedade e

isso lhes permite estarem abertos para promoverem mudanças interpessoais e intrapessoais e, sobretudo, para a comunidade. Apesar da vida social dos jovens apresentar elementos bons, a insegurança é um fator muito latente e a participante Aqualtune nos diz que:

“Eu parei de frequentar um pouco essas festas e reuniões sociais lá pelos meus 21 anos, quando eu ingressei na universidade. Mas pra ti ver como mudou as coisas, nos meus 20, 21, nós não saímos sem ter o dinheiro para o *Uber*, sabe? Do medo que nós sentimos de ser assaltados, porque algumas pessoas do nosso grupo, infelizmente, vieram a ser assaltadas. Então essa questão da insegurança e no nosso trânsito pela cidade também é uma coisa que demarca essa questão de ser jovem. O jovem tá com medo. O que vai acontecer comigo? Eu vou conseguir chegar na minha escola? Eu vou conseguir chegar no meu trabalho? Eu vou conseguir voltar para casa?” - Aqualtune

Diante disso, é perceptível que a insegurança durante o fluxo urbano dos jovens aumentou nos últimos anos e segundo Cerqueira *et al* (2021), a faixa etária que compreende as juventudeS é a que mais sofre com a violência de homicídios no Brasil. O sentimento de ter medo do que pode acontecê-los durante os seus deslocamentos os preocupam e, devido a isso, o modo em que vão e voltam dos lugares é um dos principais fatores de atenção. É interessante notar que os jovens não deixaram de frequentar seus espaços favoritos na cidade, entretanto, na tentativa de ter um pouco mais de segurança, a alternativa que encontraram para assegurar isso foi através de aplicativos de transporte como o *Uber*, o qual o motorista os pega em um ponto qualquer e os leva para casa, por exemplo.

Através da pergunta “você percebe que o curso de Geografia é um curso de pessoas jovens? Por quê?”, as participantes trouxeram duas visões diferentes de como identificam o curso. Isso demonstra que o turno em que estudam tem uma predominância diferente quanto ao seu público e podemos identificar isso nas suas falas:

“Eu percebo sim que o curso de Geografia é um curso de pessoas jovens, por exemplo, quando eu passei em 2018/1, não passou uma pessoa que tivesse mais do que 29 anos. Inclusive, eu tinha colegas de 16, 17 anos, enquanto eu tinha 21. Então eu percebo sim que o curso de Geografia é um curso de pessoas jovens, mas demarcando a questão turno. Eu passei no diurno, então se tem uma perspectiva que as pessoas que entram no diurno são mais jovens.” – Aqualtune

“Eu percebo que sim e que não, pelo menos noturno. Eu acho que o curso de geografia ele não é um curso só jovem. Porque ele também desperta esse interesse nos adultos e nos idosos. Tanto que agora eu tô com uma colega e ela tem 75 anos, é formada em Geografia na USP e tá fazendo estágio 2 comigo e é do meu grupo.” – Tereza de Benguela

Em vista disso, percebemos que no curso diurno os alunos são mais jovens e que conseguiram ingressar na Universidade logo após a conclusão do ensino médio, isto é, pelo menos uma parcela deles. Também é significativo ressaltar que muitos jovens estudantes não possuem ainda a responsabilidade de ter que estudar e trabalhar simultaneamente e, por esse fator, possivelmente optaram pelo período diurno. Um item interessante a ser debatido é que durante a fala da entrevistada, foi possível captarmos que nas aulas da pós-graduação a presença de jovens também é latente, reafirmando o seu olhar de que o curso de Geografia é composto por pessoas jovens, contudo, não é inexistente a presença de adultas e idosas.

Sob outra perspectiva, foi identificado que no curso noturno os estudantes são compostos por jovens, adultos e idosos. Isso nos permite refletir que este turno foi escolhido em razão destes indivíduos ter que conciliar os estudos, o trabalho, a família, entre outras responsabilidades e por isso que há uma diversidade mais ampla no quesito etário. O estudo de Souza, Sá e Castro (2019) dialoga com essa informação e aponta que, devido a esses afazeres, os alunos do turno noturno muitas vezes são submetidos à evasão escolar. É importante colocar que o público do curso noturno não tem somente pessoas que estão realizando o primeiro curso superior, mas também há aqueles que já são formados e veem na Geografia uma possibilidade de trocar de carreira, assim como há alguns que apresentam a vontade de cursá-la por satisfação pessoal ou pela simples mudança de curso. A entrevistada destacou também a significância de ter pessoas com idades variadas na sua trajetória acadêmica, visto que lhe proporcionou trocas de experiências sobre a vida.

#### 4.3 SER MULHER

Ao perguntar “quais são os desafios de ser uma estudante mulher na Geografia (segundo dados da Universidade, apenas 35% dos estudantes desse curso são mulheres)?”, as jovens participantes levantaram questões que se aproximam em suas vivências e outras que se distanciam no sentido da abordagem que elas escolheram, indicando que os desafios de ser uma estudante mulher na Geografia são múltiplos e merecem atenção. Um dos primeiros pontos levantados pelas participantes se deu a partir de uma nuance acerca das questões sociais e institucionais ao longo de suas trajetórias, nos fazendo observar que os obstáculos

que as mulheres enfrentam para conseguirem acessar os espaços educacionais e ao mercado de trabalho ainda é uma realidade. Diante disso, as entrevistadas nos dizem:

“Eu acho que os desafios de ser uma estudante mulher na geografia é que infelizmente a nossa sociedade ela é machista. Muitas mulheres antes de mim tiveram que lutar e muitas vezes pagar com a vida para que hoje eu e minhas colegas pudéssemos ocupar esse espaço de poder frequentar uma escola, de poder fazer uma faculdade, de poder trabalhar. [...] essa questão da reprodução do machismo, em todas suas esferas, reforça aquela coisa que a mulher teria que ficar em casa e que não era pra estudar.” – Aqualtune

“[...] dentro do curso eu nunca experienciei muitas situações de machismo. Mas, com certeza, o que tem é aquela coisa mais institucional também, tipo, por exemplo, eu sempre tive que cuidar da casa, limpar a casa com a minha mãe, fazer comida, fazer todas as coisas... E isso às vezes interferia um pouco nos meus estudos.” – Tereza de Benguela

Ao analisar essas perspectivas, é possível entendermos que a reprodução do machismo existente na nossa sociedade coloca as mulheres num patamar de inferioridade, assim como elas não detém os mesmos privilégios. Historicamente, as mulheres tiveram que lutar para conquistar os espaços, os acessos e os seus direitos para que as diversas oportunidades fossem mais igualitárias. As responsabilidades domésticas quase sempre recaem sobre as mulheres, afetando os outros setores das suas vidas; os homens, por outro lado, não são tão cobrados em relação a esse quesito e por isso podem demonstrar uma maior produtividade ou desempenho no ambiente escolar e no trabalho, como a segunda entrevistada abordou ao longo da sua fala.

Outro ponto relevante abordado nas entrevistas é a falta de voz e de representatividade das mulheres no ambiente acadêmico, no trabalho e em posições de liderança. Mais uma vez, o machismo contribui para que as mulheres não sejam ouvidas num lócus onde é predominantemente masculino ou liderados por esses mesmos atores. A falta de representatividade também colabora para que as mulheres sejam de certa forma silenciadas ou não levadas a sério, contudo, é importante termos a consciência de que essas ações não acontecem em todos os lugares e da mesma maneira. Diante do que versamos, as participantes da pesquisa colocam que:

“Eu acho que por sermos minoria dentro do curso de geografia, eu acho que isso impulsiona a gente a mostrar a nossa voz, mostrar que nós também temos algo para contribuir, nós também pensamos, nós também temos posicionamentos, e às vezes, por ser uma questão estrutural, os nossos

colegas, claro, tem alguns colegas, enfim, por N razões são machistas com nós colegas, mas às vezes por ser uma questão estrutural eles acabam reproduzindo coisas que acaba nos oprimindo durante as falas ali na sala de aula, até às vezes em algum outro grupo que participe, projeto de pesquisa, enfim, o que faz ali. Então às vezes eu acho que um dos principais desafios é: como que eu vou ter a minha voz escutada? Como que eu vou demonstrar que o que eu falo também é importante?” – Aqualtune

“Qual os desafios de ser mulher na geografia... Cara, eu vejo assim muito no mercado de trabalho, não no curso. Mas no mercado de trabalho, por exemplo, eu trabalhei numa empresa privada já, como geógrafa, estagiária de geografia. O que eu percebi é que os maiores cargos sempre eram pros homens. Tipo, todos os chefes eram homens, apesar de ter geógrafas na equipe... e também, tipo, todas as questões de tecnologias, enfim, eram sempre valorizadas, tipo, como se a opinião masculina fosse melhor, sendo que eu tinha uma colega que ela era do SIG, sabia tudo, mas mesmo quando ela falava alguma coisa, nunca era escutada.” – Tereza de Benguela

Diante desse cenário, visualizamos que em ambos os argumentos as desigualdades de gênero aparecem muito forte. A primeira nos traz que pelas mulheres serem a minoria no curso de Geografia, elas se sentem incentivadas a terem suas vozes ativas, pois assim como os demais colegas, elas também têm muito a contribuir durante os debates em sala de aula, entretanto, por questões estruturais, por mais que elas se façam ouvir, ainda é reproduzido algumas ações de opressão, assim como são interrompidas durante suas falas. Sendo assim, Oliveira (2023) contribui para o debate quando explica o que é o conceito de *manterrupting*<sup>17</sup>, o qual é uma ação essa onde um homem interrompe ou fala por cima de uma mulher enquanto ela argumenta, desvalorizando suas contribuições e atrapalha sua linha de raciocínio. Já a segunda, expõe que a falta de representatividade das mulheres em posição de liderança nas empresas que trabalham com a ciência geográfica é um fator que, novamente, reforça o machismo estrutural na medida que os maiores cargos são ocupados somente por homens. Dessa maneira, mesmo ingressando nesse ambiente e tendo qualificação suficiente para realizar o seu trabalho, as mulheres não são ouvidas ou levadas a sério justamente por serem do gênero feminino e, ainda, algumas vezes as são feitas explicações sobre os temas em que elas têm conhecimento. Outro conceito que Oliveira (2023) aborda no seu trabalho e corrobora com o que foi dito anteriormente é o *mansplaining*,<sup>18</sup> ele acontece quando um homem expõe algo de maneira óbvia para uma mulher em

---

<sup>17</sup> *Man* = Homem, *interrupting* = interrompendo. [tradução nossa]

<sup>18</sup> *Man* = Homem, *splaining* = explicando. [tradução nossa]

uma temática em que ela domina e possui experiência, desvalorizando sua inteligência perante a outras pessoas e a ela mesma.

A falta de representatividade também se faz presente na literatura da Geografia, uma vez que poucas autoras são trabalhadas ao longo do curso, seja nas disciplinas da ciência geográfica, seja nas disciplinas pedagógicas. Essa invisibilidade ganha força quando a participante retrata que:

“Também coloco como desafio de ser uma estudante mulher na geografia, é que a meu ver, dentro das literaturas que eu li, temos também poucas autoras... por exemplo, eu me lembro da Bertha Becker na aula de Geografia Política, mas se tu me perguntar: olha, quais são as 5 mulheres que tu leu na literatura da Geografia? Eu não saberia apontar, agora pelo menos de cabeça, eu não saberia apontar, então, cadê a minhas referências?” – Aqualtune

Desse modo, além da falta de representatividade das mulheres nos tantos espaços, também é percebido a sua ausência nas literaturas trabalhadas e adotadas por alguns dos professores do curso de Geografia. Essa falta de referência que a participante coloca nos faz refletir que além do curso ter uma predominância de masculina, as bases teóricas também têm predominância deste mesmo gênero. Também temos a possibilidade de nos questionar em relação a isso: será que as mulheres não produzem Geografia ou será elas não estão tendo a visibilidade que deviam? Esse questionamento nos permite explorar e refletir acerca das questões de gênero no campo de pesquisa da Geografia, assim como podemos analisar quais foram as barreiras que contribuíram para tais invisibilidades.

Dentre os assuntos emergidos, também houve alguns relatos envolvendo situações de assédio que também demarcam os desafios de ser mulher no curso de Geografia. Uma das entrevistadas compartilhou dois episódios em que as suas colegas experienciaram essas situações, uma envolvendo um colega do curso e outro um professor. Ambos apresentaram uma postura inadequada e acabaram gerando um grande desconforto por parte das jovens mulheres como um todo, pois foram atos que as desrespeitaram enquanto indivíduos. Nesse sentido, se faz necessário uma abordagem que envolva as questões de gênero atreladas a segurança em todos os níveis educacionais, bem como em outros espaços que essas jovens mulheres frequentam, visto que proporcionará um ambiente respeitoso e seguro para todas. Por outro lado, apesar destes acontecimentos desagradáveis,

também é percebido que embora as mulheres sejam minoria no curso, elas apoiam umas às outras e estão unidas. Diante disso, nos foi dito que:

“[...] sempre me senti muito acolhida pelas professoras. Tem professoras muito boas aqui na Geografia. Agora eu tô conhecendo mais as professoras da Licenciatura, eu tô gostando muito delas. Elas são muito queridas, são muito acolhedoras. E a professora que sempre me acolheu, é minha orientadora, então, eu acho que ter essas mulheres e também ter as minhas colegas, por exemplo, uma delas tá um ano na minha frente, e ela sempre me inspirou, porque eu via ela lá, ela fazia mapas, daí ela já me ajudou a construir esse conhecimento também, me ajudou muito com SIG, então, eu vejo que ser mulher na Geografia também não é uma coisa sozinha, que a gente se ajuda muito, sabe? Então, tanto as professoras quanto as alunas, então, não é uma coisa solitária. Por mais que a gente sejamos poucas.” – Tereza de Benguela

Essa fala é muito potente na medida que evidencia a relevância da sororidade entre as mulheres no ambiente acadêmico, possibilitando a criação de uma rede de apoio entre elas. O sentimento da jovem entrevistada de que sempre se sentiu acolhida pelas professoras que compõe o corpo docente do curso de Geografia, assim como através da inspiração de suas colegas reforça o quanto é importante ter essas pessoas ao lado nos desdobramentos do curso, visto que desperta o empoderamento entre as mulheres e emerge a sensação de que ser mulher na Geografia não é uma questão solitária, mas sim compartilhada.

Através da indagação “você acredita que o feminismo negro contribuiu para o empoderamento das mulheres negras? Por quê?”, reparou-se que as jovens participantes elencaram elementos que se complementam, confirmando que esse movimento teve uma influência positiva nas suas trajetórias, bem como emergiu alguns pontos sobre o movimento feminista e as disparidades entre as mulheres. Na sequência, será exposta uma nuvem de palavras que mostrará os termos mais frequentes.

Figura 2 – Nuvem de palavras



Organização: a autora (2023), Elaboração: Voyant Tools (2023)

Podemos observar na nuvem de palavras que as expressões que tiveram maior destaque foram: “mulheres”, “feminismo”, “negras”, “cabelo”, “empoderamento” e “universidade”, fatores esses que demonstram que o feminismo negro foi essencial na construção das identidades das entrevistadas, assim como o ambiente universitário lhes proporcionou um maior acesso acerca do movimento feminista e, principalmente, do feminismo negro. As entrevistadas relatam que:

“Eu não conhecia o feminismo negro. Eu conheci depois que eu entrei nesta universidade. Na universidade particular nunca tinha ouvido falar dessas pautas. E pra mim foi muito importante, principalmente a questão de ler mulheres negras, porque eu acho que é uma onda meio recente. Eu acho que o feminismo negro talvez sempre ficou um pouco mais na universidade, na academia. Ele não tá tanto na escola. Talvez agora esteja. [...] então, a leitura das mulheres negras contribui muito para o empoderamento das mulheres negras, porque a gente consegue se ver. Então, tu lê e tu vê a tua história, a história da tua mãe, e tu consegue se sentir pertencente. Isso também na questão dos espaços. Dos espaços estarem mais negros também.” – Tereza de Benguela

“Trazendo a minha trajetória escolar novamente aqui pro debate, isso não foi discutido durante o meu ensino fundamental, não foi discutido no meu ensino médio, no cursinho começou a ser discutido um pouco, assim, trazer um pouco essas teóricas: bá, existe aquela pessoa, sabe? Existe aquela pessoa lá que fala sobre isso, mas novamente eu reforço que o ensino superior está me dando acesso a pensar sobre essas coisas, acerca de feminismo, acerca de racismo, então agora eu consigo enxergar que o feminismo negro contribuiu para o empoderamento das mulheres negras.” – Aqaltune

Ambas relatam a ausência dessas discussões durante o ensino básico, fator esse que as fizeram desconhecer o movimento como um todo durante a maior parte

de suas vidas. O ingresso na universidade proporcionou para elas o acesso a leituras e discussões que as fizeram mergulhar dentro do feminismo negro, assim como foi tida a compreensão de que ele é importante para o entendimento e transformação na vida das mulheres negras. Tereza de Benguela salienta o quanto é significativo ler autoras negras na medida que nos permite nos identificarmos com suas narrativas, assim como foi relevante seu apontamento de que o feminismo negro por muito tempo ficou restrito aos debates universitários e isso nos permite compreender o porquê esses debates não atingiram a educação básica. Aqualtune ao trazer sua trajetória escolar complementa a fala da participante anterior, dado que o acesso as pautas feministas, sobretudo o feminismo negro, lhe permitiu um maior entendimento sobre o feminismo e ao racismo, contribuindo para seu crescimento pessoal e intelectual. Contudo, também é evidenciado que no início do movimento feminista as pautas raciais não eram contempladas e nos é dito que:

“[...] lendo até um dos livros da autora Bell Hooks, nós vemos que durante o começo do movimento, ele não pautava as questões raciais. Então por mais que fosse um movimento que estivesse ali em prol dos direitos das mulheres, as mulheres negras não estavam sendo contempladas, se essa questão racial não é discutida, então logo isso não me representa. Eu estou me colocando como uma mulher negra aqui falando, no começo da existência desse movimento, aquilo não me representava, pois não tinha uma discussão sobre a minha existência.” – Aqualtune

Sendo assim, mais uma vez é reforçada a importância de consumir as obras das autoras negras, visto que seus apontamentos permitiu uma visão mais crítica para a entrevistada, pois ao não ser abordado as questões raciais, as mulheres negras eram excluídas dos debates feministas e dos impactos positivos advindos deles. Quando Aqualtune expressa “aquilo não me representava”, demonstra o sentimento que muitas mulheres negras tiveram em relação ao movimento feminista nos seus primórdios, pois sua existência era inexistente, sua principal característica não era um tema importante naquele momento.

O empoderamento também é demarcado nas questões estéticas, pois entre as falas das participantes, a questão do cabelo foi bem pautada. Comentários negativos de cunho racista sobre o cabelo crespo e cacheado, assim como demais traços negros afetam imensamente a autoestima das mulheres negras, as quais passam por uma fase de não aceitação e acabam cedendo às pressões estéticas para serem mais aceitas socialmente, ou seja, ter cabelo liso e nariz fino. Sendo assim, Pimentel e Silva (2022) corroboram para a discussão quando versam que

muitas pessoas negras para terem a falsa ideia de aceitação social, se submetem ao padrão de beleza europeu (branco). Entretanto, com disseminação do feminismo negro através de livros, vídeos do *YouTube* e postagens em *blogs*, permitiu uma ressignificação paulatina acerca da aceitação de suas características próprias, as vendo como bonitas. Nesse sentido, o feminismo negro além de empoderar as mulheres negras, também as une e percebemos isso nas falas das participantes:

“Acho também que o feminismo negro, ele contribui justamente... eu acho que vai de encontro ao que eu falei anteriormente, mas também de nós levantarmos outras mulheres negras, porque a mulher negra, ela sofre de várias maneiras e eu acho quando nós temos no nosso lado outras mulheres negras que conversem com a gente sobre essas tristezas ou essas outras coisas, nós acabamos levantando umas às outras. Então acho interessante essa questão da sororidade. Essa rede de apoio é muito importante para nos mantermos em pé, então eu acredito que o feminismo negro, sim, ele contribui para o empoderamento das mulheres negras em todas as esferas, seja na questão da estética, seja na questão acadêmica, seja em várias frentes.” – Aqualtune

“Com certeza, o feminismo negro me ajudou a finalizar os meus estudos e me ajuda hoje a ter vontade de continuar. É o que me motiva a ter vontade de continuar. Pra, sei lá, quem sabe um dia ser professora universitária, ou ser professora de um IF, ser professora de uma escola pública, quem sabe? Mas ter uma boa estrutura, ter um bom trabalho, um bom emprego, me colocar bem, assim, na sociedade. Acho que é um sonho que a gente tem e que essas mulheres... A escrita delas nos ajuda a continuar e também ter vontade de ajudar outras mulheres, de incentivar outras mulheres negras a continuarem. Se me trouxeram esse conhecimento, eu quero também que o meu trabalho, o meu conhecimento, a minha produção possam contribuir com outras mulheres.” – Tereza de Benguela

Diante disso, é notório o quanto a sororidade é um elemento essencial para levantar outras mulheres negras, uma vez que o estabelecimento de uma rede de apoio as faz empoderar-se coletivamente. O feminismo negro também impactou positivamente no âmbito acadêmico, as fazendo criarem motivações para permanecerem estudando através do consumo dos livros de autoras negras, bem como no setor profissional, enfatizando à vontade de fazer do seu trabalho uma ferramenta para levantar outras mulheres.

#### 4.4 SER NEGRA

Através da questão “há alguma referência de mulher negra para você? Se sim, qual e por quê?”, ambas as participantes trouxeram o exemplo de mulheres negras que elas admiram e que são ou foram do seu convívio, assim como foi trazida um exemplo de uma intelectual negra. Em seguida será apresentado uma nuvem de palavras com os termos mais frequentes falados.

Figura 3 – Nuvem de palavras



Organização: a autora (2023), Elaboração: Voyant Tools (2023)

Ao observarmos as palavras mais frequentes, percebemos que “professora”, “mãe”, “referência”, “mulher” e “escola” traduzem exatamente o que essas mulheres representam para as jovens negras entrevistadas, visto que os termos professora e mãe demonstram a relevância que essas pessoas de tem ou tiveram em suas vidas, bem como refletem o sentimento de que são exemplos de pessoas a serem seguidos e a escola aparece como o ponto de união entre seus relatos.

A imagem de uma professora, principalmente, sendo uma professora negra, traz toda uma carga de representatividade, de respeito e de empoderamento para as alunas negras nos desdobramentos do seu percurso escolar. Infelizmente, há poucas professoras negras nas instituições de ensino e isso é percebido na fala de uma das entrevistadas quando ela aborda sua primeira referência de mulher negra:

“A Bell Hooks, maravilhosa! É uma referência para mim, por quê? Primeiro, mulher negra; segundo, professora. Então, para mim, ela é uma referência porquê... aí eu não quero chorar, não queria demonstrar tanta emoção, mas eu durante a minha infância, eu não tive referências de mulheres negras professoras e por muito tempo eu pensei que eu nunca... assim: ah! Quero ser professora... acho que quando a gente criança a gente pensa em umas coisas assim, tipo: poxa, eu quero ser astronauta porque eu quero viajar para Saturno. E por mais que eu já demonstrasse uma certa afeição pelo ensino, de ensinar ali os meus colegas, de gostar de estar na escola, eu acho que nunca me passou pela minha cabeça ser professora porque eu não tinha referência.” – Aqualtune

A partir do exposto, a professora Bell Hooks que também foi uma importantíssima intelectual negra, teórica feminista e escritora assumiu um papel de

referência para a participante, principalmente, por ser a representatividade de uma professora e mulher negra que ela não teve ao longo da sua trajetória no ensino fundamental. A inexistência de professoras negras, como podemos observar na fala de Aqualtune, a fez se distanciar do desejo de ser professora na medida que em seu dia a dia não via uma mulher negra na posição de professora. Lopes e Gonçalves (2022) colaboram com a afirmação anterior quando discutem que a representatividade de professores negros decresce ainda mais no ambiente universitário, evidenciando que quanto maior o grau de escolaridade, há menos pessoas pretas. Isso nos reafirma, novamente, que a presença de mulheres negras não somente no papel de professora, mas também em outras profissões de prestígio social faz totalmente a diferença para as outras mulheres negras que estão as observando e veem nelas a perspectiva: “eu também posso ser assim”; diante disso, nos é dito que:

“Para mim foi um grande divisor de águas quando a professora de português, ela veio se aposentar quando eu cheguei na minha antiga oitava série, e daí ficou aquela coisa: nossa, quem é que vai dar português para nossa turma? E daí passou uma semana, quem é professora? E de repente a professora nova apareceu na porta da sala, deu bom dia para nós e disse que seria a nossa nova professora de português, naquele momento eu me lembro da minha reação até hoje: meu Deus! Sabe? Olha a figura dessa pessoa, ela é igual a mim, ela tem a mesma cor da minha pele e ela é professora, eu posso ser também! Então me veio aquela coisa que eu não vou dizer que eu já tinha certeza, mas já tinha aquela coisa: bá, eu gosto de escola, gosto de estar na escola, gosto de estudar, gosto de ensinar, mas olha só, eu também posso ser como ela. Pra mim foi uma das mulheres negras próxima de mim nessa questão da educação que demarcou minha vida porque eu olhei pra ela e me vi como igual e vi que eu poderia ser também.” – Aqualtune

Percebemos, a partir do trecho, o quanto a representatividade de pessoas negras é significativa para inspirar as outras pessoas que também são negras. No momento em que a professora de Português se apresentou para a participante, ela se sentiu representada e ao mesmo tempo teve vontade de ser professora também, justamente pelo impacto de ver uma mulher negra nesta posição.

Para muitas pessoas a figura materna é muito importante, pois além de ser uma pessoa especial na nossa vida, ela também foi o nosso primeiro contato com outro alguém no mundo, bem como nos cuidou e nos instruiu a sermos pessoas de sucesso, assim como nossa primeira casa foi no corpo dela. Em vista disso, a entrevistada nos diz que:

“Então, quando ela me conta essas histórias, tipo, eu não passei por essas coisas assim, sabe? Mas eu fico muito tocada, porque ela teve que trabalhar criança na casa de uma pessoa e sempre teve que lutar muito pra

conseguir estudar, então estudar sempre foi uma coisa mais difícil do que é pra mim hoje. Então, pra mim, ela fez... quando eu nasci, ela já tinha passado num concurso público, então ela já era municipalista. Então, ela já tinha uma estrutura um pouco melhor e eu nunca passei pelas dificuldades que ela passou. Ela já passou por fome, frio, todas essas coisas, porque eram nove irmãos. Então, pra mim, ela é a maior referência de feminismo, tanto que ela é mãe solteira, a gente entra um pouco na questão do abandono da mulher negra... E a gente tem uma relação muito boa juntas, de mãe e filha e pra mim ela é a mulher, assim, tipo um exemplo de luta, de força. E ela representa tudo, eu queria ter 10% da força que ela tem, porque eu fico assim: como que conseguiu?” – Tereza de Benguela

Nesse recorte, observamos o quanto a mãe da entrevistada é a principal referência de mulher negra para ela, visto que a história de vida da mãe é uma fonte de inspiração e força. Dentre os relatos que Tereza de Benguela nos trouxe, também é importante ressaltar o quanto a mãe dela valorizava a educação, assim como sempre deixou claro que queria que a filha valorizasse e usufrísse deste acesso.

Quando perguntadas: “você já foi vítima de racismo? Você se sentiria confortável em compartilhar alguma situação de racismo vivenciada?”, as participantes trouxeram diferentes situações pelas quais vivenciaram o racismo em suas vidas, tendo como ponto em comum em suas falas o racismo sofrido ambiente educacional. Segue a nuvem de palavras abaixo acerca do questionamento abordado anteriormente.

Figura 4 – Nuvem de palavras



Organização: a autora (2023), Elaboração: Voyant Tools (2023)

As palavras em maior destaque são: “racismo”, “cabelo”, “sofri”, “nariz”, “família”, “negra”, “pesquisa” e “ensino”. Esses termos emergidos nos fazem refletir o quanto o racismo ainda é uma realidade na vida das pessoas negras, sobretudo para as entrevistadas. A família, por sua vez, surge como reprodutora do racismo estrutural. O ensino e a pesquisa aparecem aqui como uma possibilidade de entendermos melhor as questões raciais. Sobre isso nos dito que:

“Eu só tive o entendimento de algumas coisas depois que eu entrei no ensino superior e eu posso falar tranquilamente, antes de entrar na faculdade... eu até uma vez cheguei a comentar, com alguns amigos e falei assim: nós observamos tantas situações de racismo nos noticiários, pessoas que morrem por causa disso... enfim, sabe, e pô, eu sou sortuda, nunca aconteceu comigo até então, tive sorte de que essas coisas não aconteceram comigo e tudo mais. Só que ao ter acesso a alguns materiais durante a graduação, fazer terapia também, eu percebo que eu sempre sofri racismo na minha vida.” – Aqaltune

Desta maneira, é perceptível a influência positiva que a universidade teve para a entrevistada na medida que possibilitou o acesso a materiais, assim como o entendimento sobre as questões raciais e si própria enquanto mulher negra que sofreu e ainda, infelizmente, sofre com o racismo. A fala de Aqaltune também nos convida a refletir o quanto a compressão acerca das questões raciais é um processo complexo, assim como vai além das experiências individuais que negras e negros tiveram. De outro ângulo, a entrevistada também retrata que os primeiros contatos com o racismo se deu dentro do seu próprio núcleo familiar, evidenciando o racismo estrutural que permeia a nossa sociedade; sobre isso:

“Então, eu acho que antes mesmo de dizer que pessoas de fora me fizeram passar por situações de racismo, eu coloco minha própria família. Pois reforçou essa questão do racismo dizendo que meu cabelo era feio, que meu cabelo era duro, que meu cabelo não crescia... então isso é uma forma de racismo e por que que é feio, sabe? Por que que é ruim? Por que que essas características tidas como negroides são ruins? [...] A questão do nariz também me afetava porque viviam falando que ele era “abatado”. Então, por muito tempo, o que que eu fazia: nossa, ter um nariz largo é feio, então, vamos afinar! Só que daí, como essas coisas aconteceram durante a minha infância, o que que eu fazia, eu pegava um prendedor, colocava no meu nariz, porque eu acreditava que quanto mais preso meu nariz ficasse, mais reto ele ia ficar, então, são coisas que, meu Deus, cara, isso é puro racismo.” – Aqaltune

Sendo assim, comentários negativos sobre a aparência das pessoas tem o poder de fazê-las odiar seus traços, influenciando-as a alterarem seus cabelos de crespo e cacheado para liso, bem como o nariz “abatado” para o reto, reforçando um padrão imposto pela sociedade e tido como bonito. O racismo apresentado pela jovem entrevistada se mostrou de maneira sutil, sendo uma maneira de reprodução

do racismo estrutural através da sua família; por isso, mais uma vez, a importância de compreender as questões raciais para desconstruir as visões preconceituosas que existem. Schucman e Gonçalves (2017) validam a questão do racismo reproduzido pela própria família ao retratar conflitos intrafamiliares onde o ideal estético branco serviu como referência ao belo, bem como a ideia de superioridade racial.

O ambiente educacional, por mais progressista que aparenta ser, ainda é um locus que não erradicou totalmente todos os tipos de preconceitos, sobretudo, os preconceitos raciais, assim como ainda não está preparado o suficiente para enfrentar essas problemáticas entranhadas nas instituições de ensino. Acerca disso, nossa entrevistada nos relata que:

“Eu acredito que da minha primeira série até a quarta, por aí, eu era a única menina negra da sala no meio de um mar de pessoas brancas. Então, criança não tem informação, muitas vezes reproduzem o que os pais falam, dizem, fazem, e... faziam perguntas aquelas lá racistas, aquelas piadinhas racistas. Por muito tempo, eu ouvia aquelas coisas e isso me fazia ter uma tristeza e ao mesmo tempo um ódio de mim. E isso é uma questão que é importante pontuar, alguns professores viam esses comentários de: ah, do negro e a questão do asfalto e tal, essas piadinhas com a pessoa negra... que o diabo com inveja de Jesus foi lá e criou a pessoa negra e tal, a pessoa queimou e etc. Uma coisa que é importante pontuar é que alguns professores daquela época presenciaram esse tipo de coisa e não interviram, não fizeram nada, estava vendo que uma aluna ali estava sofrendo racismo, não estava entendendo aquilo porque não tinha informação sobre aquilo.” – Aqualtune

Dessa forma, a narrativa da entrevistada retrata um cenário onde vivenciou o racismo nos seus primeiros anos no ensino fundamental, o qual foi reproduzido pelos seus colegas de classe que eram majoritariamente brancos. Diante disso, a postura dos professores ao não intervirem nos momentos que isso acontecia, não proporcionou para Aqualtune um ambiente no qual ela se sentisse bem, muito pelo contrário, o que deveras aconteceu foi a propagação de sentimentos de tristeza e ódio; por isso a relevância de uma educação antirracista. Moreira-Primo e França (2020) assinala a afirmação anterior quando debate que a identidade da criança negra é afetada quando percebe que sofre a influência do racismo na escola, assim como ela passa a não gostar de si mesma e ter baixa autoestima. Nesse mesmo viés, a outra participante nos diz:

“Eu sofri muito racismo na faculdade particular, então, tipo, eu tinha colegas que não se sentavam perto de mim, porque eu já tava numa época que eu não alisava mais o meu cabelo, então eu tava fazendo a transição, então eu tava com metade liso e metade assim (aponta para o cabelo), era horrível. E

era muito feio, sabe? E daí, as gurias não sentavam perto de mim, não queriam falar comigo, tinha umas que me olhavam de cima a baixo, tipo: que que tá fazendo aqui... Porque eu não tinha as roupas que elas usavam também, sabe? E daí, só queriam se aproximar de mim pra ganhar nota, que nem eu tinha te falado. Quando eu falava alguma coisa em aula, me atacando de algum jeito e eu tendo que aguentar aquilo. E foi um dos motivos, também, pelo qual eu não consegui ficar. Porque aquilo machucou muito. Outra coisa, quando eu estava procurando estágio, dentro da publicidade, as mesmas coisas aconteceram. Tipo, eu ia procurar uma agência de publicidade, que é um lugar super branco, super elitista, e as pessoas olhavam pra mim de cima a baixo, não falavam, mas a gente sente.” – Tereza de Benguela

Novamente, observamos outra situação envolvendo o racismo no ambiente educacional, contudo, dessa vez, no ensino superior privado e ao procurar estágio na área de publicidade. O fato de estar passando pelo processo de transição capilar, fez com que Tereza de Benguela fosse excluída e sofresse com as atitudes preconceituosas por parte das outras colegas e mulheres brancas e, reforçando mais uma vez, como a pressão estética persegue as mulheres negras. O impacto negativo ocorrido devido ao racismo estrutural nesses lugares, infelizmente, fez com que a participante desistisse de ocupar aquele lugar.

#### 4.5 SER PROFESSORA DE GEOGRAFIA

A partir da pergunta “como você pretende abordar as questões raciais em suas aulas?”, as jovens entrevistadas trouxeram várias contribuições significativas de como promover uma educação antirracista em sala de aula, sendo o tópico dos territórios negros na cidade sede da Universidade o ponto de intersecção em suas falas. Na sequência, será exibido uma nuvem de palavras com os termos mais emergentes.



assim. E daí, essa experiência que eu tive foi muito legal que consegui trabalhar com comunidades quilombolas. Então, com certeza, eu vou trabalhar com o que envolve já a minha pesquisa, que é comunidades quilombolas e territórios negros e a [cidade da Universidade]. O negro na [cidade da Universidade], a negra na [cidade da Universidade], os quilombolas, os indígenas. Eu acho que esses assuntos que eu quero trazer pra minha aula de Geografia, eu acho que esses são os norteadores, suleadores, sei lá, mas eles são os eixos que eu quero que as minhas aulas estejam sempre envolvidas. Então, sempre voltar pro quilombo, sempre voltar pra comunidade indígena, por mais que eu esteja trabalhando globalização, esteja trabalhando Europa, por mais que eu esteja trabalhando a América Latina, sempre tentar voltar porque essas comunidades, elas estão na [cidade da Universidade] e elas estão sofrendo, sempre pela especulação imobiliária, por diversos outros atores. Então, é muito bom que os jovens conheçam, fiquem por dentro e percebam, se percebam também, porque a maioria dos jovens das escolas públicas são negros, pelo menos agora, quando eu dei aula. Metade da minha turma era negra.” – Tereza de Benguela

Dessa forma, observamos que a invisibilidade acerca de discussões da presença e ocupação de pessoas negras na cidade da Universidade estudada foi uma constante nos desdobramentos da trajetória escolar da participante. Ela destaca o quão é relevante trazer na contextualização histórica que os negros foram e são parte dessa cidade e, portanto, são protagonistas importantes que merecem uma visibilidade maior, assim como seus territórios demarcados espacialmente. Os estudos de Vieira (2017) vão ao encontro da ideia anterior quando afirmam que a cidade da instituição analisada é marcada pela presença negra, assim como os territórios negros como conhecemos hoje, eles já foram espaços de práticas culturais como o Carnaval e também foram moradias de muitas famílias negras.

Já a segunda participante, além de também exaltar a abordagem da presença negra na cidade, ela ressalta o quanto é significativa uma transversalidade dessa temática com outros conteúdos da Geografia, visto que é possibilidade de entendermos a realidade das comunidades negras em âmbito global, bem como os desafios que as envolvem. A representatividade negra ao ser trabalhada em sala de aula, possibilita aos alunos negros a compreenderem que a história que está sendo trazida ali também se trata deles. Por outro lado, também é importante que os educadores tenham um papel ativo ao presenciarem atitudes racistas no contexto escolar e fora dele também, pois nos é dito que:

“Quando eu presenciar qualquer atitude racista de algum aluno, enfim, eu intervir, sabe? Intervir. Eu quero que a Aqualtune da infância tenha orgulho da professora que vou me tornar e não ser aquela professora que viu

aquela criança sofrer e por muitas vezes chorar no banheiro, sabe? Ter alguém que vá lá e diga: isso é errado, isso é crime.” – Aqualtune

Dessa forma, compreendemos o quanto é importante que professoras e professores não tenham uma postura passiva diante de situações de racismo, principalmente, quando ocorre dentro da sua sala de aula. Sendo assim, a entrevistada apoiada na sua criança interior almeja ser uma profissional que promove um ambiente escolar no qual o respeito as pessoas negras seja realmente realizado, assim como para as demais pessoas.

Além da representatividade de pessoas negras nos diferentes espaços e ocupações profissionais, também é significativo levar textos e livros produzidos por esses sujeitos para que os alunos os conheçam e os consumam. A invisibilidade de pessoas negras importantes também se dá no contexto literário como podemos observar nesse trecho:

“Ninguém nunca me disse que o Milton Santos, uma figura importantíssima pra Geografia, é um homem negro. Então, referências, pega e mostra. Ó, Milton Santos, tá vendo esse rapaz aqui maravilhoso que discute espaço geográfico? É uma pessoa negra, é referência, temos que nos espelhar nele. Bell Hooks, olha só, outra professora importante, olha só, ela existe, ela fez isso aqui, olha que importante. Carolina Maria de Jesus, uma das primeiras escritoras negras no Brasil... E daí conhecemos ela como? Eu não sabia que ela existia até fazer o vestibular e essa leitura ser obrigatória. Então, é importante também mostrar que pessoas negras estão produzindo trabalhos, estão produzindo livros... literatura, seja acadêmica, fictícia, enfim, essas pessoas estão criando. [...] Nós fazemos parte da história e nós não podemos deixar que os nossos ancestrais e os nossos colegas morram. Nós temos que perpetuar a existência. Então é isso, sabe? Mostrar que essas pessoas existem, existiram e que elas foram importantes. Não botar a gente como pessoas negras naquele lugar de... bah, não vale nada, é isso e aquilo. Nós valemos sim, nós somos importantes, nós existimos, nós fazemos ciência, nós escrevemos livros, nós escrevemos artigos e é isso. Não podemos deixar a nossa marca jamais morrer.” – Aqualtune

Desse modo, reconhecer os trabalhos acadêmicos e literários realizados por mulheres negras e homens negros é muito importante, uma vez que destaca suas contribuições para a sociedade, fortalece a identidade negra, bem como também são exemplos de pessoas de sucesso, as quais merecem uma maior visibilidade, reconhecimento e respeito.

A cultura afro-brasileira também é um elemento importante de ser trabalhado em sala de aula, visto que possibilita aos alunos e a comunidade escolar um contato maior com diferentes movimentos artísticos, religiosos, musicais e/ou gastronômicos. Sobre isso nos é dito que:

“[...] pretendo muito trabalhar com capoeira, porque na capoeira não é só o movimento, é também a musicalidade. Dentro da musicalidade tem uma aula de geografia absurda, então eu quero ainda ter essa oportunidade de trabalhar com os meus alunos, essas musicalidades e também a religiosidade, porque dentro da religiosidade africana existem outras línguas como o banto e iorubá. Eu quero poder que eles percebam essas outras línguas, não é só inglês, não é só espanhol, existem línguas africanas que estão vivas no nosso português hoje. Então eu quero muito, eu acho que a parte mais legal de dar aula é poder trabalhar com as questões étnico-raciais, e sempre se voltar pra isso, porque é infinito, não é uma coisa que acaba aqui, não é uma coisa que acaba no Dia da Consciência Negra, no 20 de novembro, no 13 de maio.” – Tereza de Benguela

Ao integrar a cultura afro-brasileira no ensino de Geografia, enriquecemos os conteúdos trabalhados, evidenciando a valorização da diversidade cultural que molda o Brasil. A capoeira ao ser integrada no contexto escolar, não somente se tratará dos movimentos corporais realizados durante o ato, mas também é uma forma de mergulharmos na musicalidade envolvida e refletirmos sobre a história que ela está contando. A religiosidade e as línguas africanas também são pontos importantes de serem ressaltados, pois demonstra o quanto a nossa cultura tem suas raízes ligadas a toda uma ancestralidade africana e que por muitas vezes não nos damos conta disso no dia a dia.

Quanto a pergunta “como está sendo a sua formação inicial em Geografia? Quais são os aspectos a destacar positivamente e negativamente?”, as participantes levantaram diferentes perspectivas que consideram boas e ruins, sendo o acesso ao conhecimento o ponto que convergem. Dessa maneira, foram construídas duas tabelas, sendo uma para cada participante. Nelas estão organizadas o que foi considerado favorável ou desfavorável na sua formação inicial, assim como será apresentado uma explanação sobre a visão de cada participante. Segue abaixo os quadros das participantes.

Quadro 4 – Aspectos positivos e negativos no curso de Geografia

<b>Formação inicial em Geografia - Aqualtune</b>	
<b>Aspectos positivos</b>	<b>Aspectos negativos</b>
Acesso ao conhecimento	Contato tardio com a escola
Trabalho de campo	Competitividade acadêmica
Iniciação Científica	Atividade extracurricular
Participação de eventos acadêmicos	Desarticulação entre a teoria e as práticas pedagógicas
Acesso a laboratórios e museus	
Acesso as bibliotecas	
Acesso a informática	

Organização: a autora (2023)

Do ponto de vista das potencialidades, o acesso ao conhecimento se fez presente na medida que proporcionou para Aqualtune uma ampliação do seu saber acerca de assuntos que ela conhecia e os que desconhecia, os quais proporcionaram debates sobre temas importantes dentro e fora da Geografia. Os trabalhos de campo ao longo da graduação foram muito relevantes, visto que possibilitaram a articulação entre a teoria e prática dos conteúdos estudados. Nesse sentido, Oliveira e Santos (2022) chamam atenção de que as saídas de campo também são uma maneira de aproximar os alunos daquilo que é estudado em sala de aula, tornando seu entendimento menos abstrato. Envolver-se em bolsas de Iniciação Científica também é muito significativo, pois aproximam os estudantes da experiência de como desenvolver um projeto de pesquisa, assim como vivenciam a rotina de ser um pesquisador. Ao participar de eventos acadêmicos dentro e fora da universidade foi possível ter contato com diferentes pesquisadores, assim como é uma forma de divulgar o que se vem produzindo em projetos de pesquisa, por exemplo. O acesso a laboratórios e museus, por sua vez, contribuiu para que sua formação envolvesse experiências práticas significativas. Já o acesso a biblioteca e a informática permitiu que seus estudos fossem realizados na própria universidade, bem como possibilitou o acesso a materiais e *softwares* que só podem ser utilizados lá.

Quanto aos aspectos negativos, foi trazido que o contato da metade para o final do curso com as escolas foi ruim, pois não foi possível desenvolver uma

identidade docente e nem de experienciar uma rotina escolar ao longo da graduação. A competitividade acadêmica entre os alunos do curso também é uma variável desagradável, visto que cria um ambiente de pressão exagerada para passar uns na frente dos outros, assim como possibilita um clima de tensão entre os estudantes. As atividades extracurriculares como bolsas de pesquisa e monitorias por si só não atividades negativas, contudo, quando interfere nos seus estudos pelo excesso de coisas que precisam ser feitas, pode influenciar na queda das suas notas nas disciplinas, assim como pode causar cansaço mental. Por último, a desarticulação entre a teoria geográfica com as práticas pedagógicas nas disciplinas cursadas também é um ponto a ser discutido, dado que dificulta a desenvoltura dos estudantes nos estágios obrigatórios, ou seja, dificultando as transposições didáticas.

De modo geral, sob a visão de Aqualtune, sua formação inicial em Geografia foi muito positiva, assim como lhe permitiu crescer enquanto indivíduo e profissionalmente. Ela nos diz que:

“[...] Então, todas essas coisas no meu percurso enquanto estudante do curso de Geografia foi muito positivo. Eu penso na Aqualtune de 2018/1 que chegou na faculdade. Tinha informação, mas não tanta informação quanto eu tenho hoje. Eu me transformei. Eu era uma mulher quando eu entrei no curso, estou saindo do curso sendo outra mulher, transformada! Mas vê o quanto eu cresci e o que o curso me permitiu crescer, é muito legal.” – Aqualtune

Dessa forma, percebemos o quando o curso de Geografia foi um divisor de águas para a entrevistada na medida que não apenas adquiriu o conhecimento científico, mas também lhe permitiu um crescimento pessoal.

Quadro 5 – aspectos positivos e negativos no curso de Geografia

<b>Formação inicial em Geografia – Tereza de Benguela</b>	
<b>Aspectos positivos</b>	<b>Aspectos negativos</b>
Acesso ao conhecimento	Maior exigência
Atualização constante	Sobrecarga de atividades

Organização: a autora (2023)

Sobre as fortalezas da formação inicial em Geografia, Tereza de Benguela ressalta que o acesso à informação lhe permitiu ampliar seu conhecimento, assim como a oportunizou trabalhar com as próprias questões emocionais e com suas

experiências de vida, além de constituir sua identidade docente. Ser professor/a é atualizar-se constantemente e isso é um aspecto positivo, visto que todos os dias temos a possibilidade de aprendermos algo novo, assim como surgem novos conhecimentos e tecnologias que são úteis na nossa constituição enquanto educadores. A área da Geografia e da Educação são muito amplas, o que nos permite explorar diferentes abordagens que propiciem o aprendizado contínuo.

Como pontos desfavoráveis, a participante aponta que o curso de Licenciatura é mais pesado e exigente que o curso de Bacharelado, uma vez que o primeiro possui quatro estágios obrigatórios, enquanto o segundo possui apenas um, bem como os professores cobram que os alunos atinjam um nível alto para, assim, avançarem. A sobrecarga de atividades se dá, principalmente, pelo nível de alto de exigência em que cobram os alunos, lhes proporcionando muitas vezes estresse e cansaço mental, sentimentos esses que atrapalham no seu rendimento acadêmico.

Em contraste com a outra participante, Tereza de Benguela já realizou o curso de Bacharelado em Geografia e agora na Licenciatura, observa que o outro curso é mais exigente e cansativo e ela nos relata que:

“Quando eu entrei no bacharelado foi muito bom, amei, foi maravilhoso! Daí terminei, mas agora na licenciatura, eu tô achando a licenciatura mais difícil que o bacharelado, bem exigente, bem exigente, bem cansativa, eu tô bem estressada por conta dessa essa exigência tanto dos professores da faculdade de educação, quanto dos professores da Geografia. [...] Tipo, às vezes eu fico pensando: caramba, para ser uma professora boa, eu vou ter que fazer mestrado e doutorado e daí é que eu vou ser uma professora, 100% professora, pra poder trabalhar, ganhando uma remuneração um pouquinho melhor. Então, eu fico meio assim, sabe? Claro que pra ser geógrafo também precisa de mestrado e doutorado e tal. Mas... Sei lá. Parece que nunca vai acabar.” – Tereza de Benguela

Sendo assim, observando sua narrativa, as altas exigências e expectativas que os docentes cobram dos alunos muitas vezes lhes causam um cansaço grande, fator esse que acaba os desmotivando muitas vezes. Também é possível analisar que por ter toda essa exigência em cima dos alunos, a demanda acadêmica parece não ter fim e que eles precisam cada vez mais qualificar-se.

Quanto ao questionamento “como você percebe a inserção da Geografia nas discussões de gênero, raça e juventude?”, ambas as participantes reconhecem que a Geografia está presente nesses três eixos temáticos, contudo, Aqualtune apresenta uma segunda perspectiva de análise do ponto de vista da intersecção.

Sobre a inserção da Geografia nas temáticas abordadas anteriormente, as participantes nos dizem que:

“Agora, se eu pego geografia e gênero, olha, já tem discussões, já tem bastante discussões sobre isso. Se eu pego geografia e racismo, olha, já tem mais um pouco de discussão sobre isso. Se eu pego geografia e juventude, olha, também tem um outro tanto. Mas eu percebo que assim, se pegar essa questão de formação inicial de professor, ou até de continuada, gênero, raça e juventude, olha, juntando esses quatro eixos, não tem. Não é que nunca se falou sobre isso. Se fala, mas é muito pouco. As questões de gênero ali, falando das questões das mulheres, a questão do racismo e até a questão das juventudes, sabe? Trazendo tudo isso junto é muito pouco. Existe, mas é muito pouco, é muito restrito. E eu acho que cabe nós, futuros professores de geografia, fazer com que essas discussões aconteçam, porque são importantes.” – Aqualtune

“A geografia é muito presente nessas questões, na discussão de gênero, raça e juventude e, principalmente, porque essas questões elas não são tão descoladas do espaço e nem do tempo, então esses objetos que a geografia trabalha muito. Então a raça, a gente pode ver o corpo, o corpo território, a raça estão ligadas na geografia, no espaço e a gente vê isso na nossa cidade com os quilombos, com as comunidades indígenas, a gente vê essa distribuição espacial. As questões de juventude eu não manjo muito, que é discussões como a geografia está inserida. Mas a geografia se preocupa muito com a população e a juventude faz parte da população, então eu vejo que a geografia vai se preocupar com os jovens, vai se preocupar com os espaços que os jovens frequentam, vai se preocupar com as escolas porque a escola também é um espaço. E o gênero, a geografia vai se preocupar com o gênero, principalmente quando a gente fala das desigualdades de gênero, a geografia se preocupa muito assim dos espaços que as mulheres estão ocupando, os espaços que os homens estão ocupando, quais os cargos de poder, se as mulheres estão chegando nesses cargos de poder, então eu vejo que a geografia discute muito essas questões.” – Tereza de Benguela

Dessa maneira, até certo ponto as entrevistadas indicam que a Geografia está inserida nas discussões de gênero, raça e juventude por se tratar de temáticas que estão ligadas ao espaço geográfico e ao tempo. Verificamos importância dessas temáticas ao averiguarmos os estudos que apontam no sentido das falas das entrevistadas. Sobre a questão da raça, Marcelino (2020) nos mostra que foi necessário grandes esforços para trazer ao debate que a Geografia Moderna em sua gênese apresentava características de imposição do pensamento eurocêntrico. Com o surgimento da Geografia Decolonial, já é permitido uma resignificação desse pensamento, viabilizando o combate das ideologias dominantes que reforçavam o racismo e a colonialidade do poder, revelando, desse modo, a necessidade de tratar questões sobre raça. Em questão de gênero, Fraga e Martins (2023) nos mostram que os estudos da temática gênero na Geografia são muito relevantes, uma vez que é possibilitado o entendimento acerca das relações de poder e das desigualdades que as mulheres enfrentam nos espaços pelos quais

ocupam, para assim, pensarmos na constituição de uma sociedade mais igualitária. Sobre as juventudeS, de acordo com Oliveira (2023), a Geografia exerce um papel relevante nos debates sobre as juventudeS na medida que é permitido entendê-las como um fenômeno social, assim como as diferentes espacialidades na qual estão inseridas podem ter um impacto positivo ou negativo nas oportunidades que lhes surgem, bem como afetam os demais jovens ou pessoas que estão ao seu redor.

Entretanto, Aqualtune chama a atenção de que ao agrupar os três eixos, não há uma produção significativa acerca delas, bem como quando é incluído as questões de formação inicial e continuada. Sendo assim, a participante ressalta a relevância de produzir mais trabalhos que abordem os 3 temas de maneira conjunta.

Por último, foi questionado “que recomendações você daria para as futuras jovens professoras negras de Geografia?” e, quanto a isso, as jovens entrevistadas elencaram uma série de sugestões que podem auxiliar na permanência das futuras estudantes na universidade, sendo a afirmação “não desista da Geografia” o elemento que levantaram de semelhante. A seguir será apresentado os quadros 4 e 5, as quais trata-se das recomendações que cada participante compartilhou e a explanação sobre elas.

Quadro 6 – Recomendações para as futuras jovens professoras negras de Geografia

<b>Recomendações da Aqualtune</b>
• Não desista da Geografia
• Participe de programas extracurriculares
• Cuida da tua saúde mental
• Estude além do que vê nas aulas
• Ignore comentários negativos
• Viva a universidade intensamente
• Busque coisas fora da Geografia
• Aprenda uma segunda língua
• Monta um acervo de livros em casa

Organização: a autora (2023)

Primeiramente, Aqualtune as aconselha a não desistirem do curso de Geografia, pois é um curso incrível que lhe permite crescer enquanto indivíduo e

como docente, entretanto, nem tudo ao longo da realização dele será de acordo com suas preferências, bem como foi ressaltado lembrar do porquê escolheu este curso e que o seu espaço ali deve ser ocupado. Participar de atividades extracurriculares como bolsas de Iniciação Científica, Monitorias Acadêmicas, projetos de extensão, PIBID ou residência pedagógica é muito importante, visto que as aproximam dos espaços de atuação docente e enquanto pesquisadora, assim como promoverá o trabalho colaborativo entre os estudantes. Também é relevante cuidar da própria saúde mental na medida que observar que as atividades curriculares e extracurriculares estão lhe causando cansaço mental e físico, o que pode resultar na queda das notas ou o abandono do curso. A entrevistada reforça o incentivo de estudar além do que se vê na sala de aula, incluindo a leitura de jornais e livros, assim como no consumo de documentários e filmes, ampliando ainda mais seus conhecimentos em escala global. Ela também salienta ignorar comentários negativos, principalmente, durante a realização dos estágios obrigatórios quando algum professor veterano faz perguntas ou comentários desagradáveis.

Quando é dito: “viva a universidade intensamente”, ela se refere a participar de tudo que estiver ao seu alcance, seja eventos acadêmicos, seja na produção científica. Aquilane também incentiva as jovens futuras professoras negras a não terem medo de buscarem coisas fora da Geografia como, por exemplo, pegarem disciplinas em outros cursos para ampliarem ainda mais seu conhecimento. Aprender uma segunda língua é muito significativo, uma vez que lhes permite consumir obras e trabalhos de teóricos estrangeiros que não tem tradução para o português, bem como as ajudará em viagens internacionais. Por último, é recomendado montar um acervo de livros em casa e no computador, pois sempre terá a sua disposição onde consultar.

Quadro 7 – Recomendações para as futuras jovens professoras negras de Geografia

<b>Recomendações da Tereza de Benguela</b>
• Não desista da Geografia
• Conheça mestras e mestres da cultura negra
• Conheça os espaços de manifestação cultural negra
• Escute as professoras negras mais velhas
• Trabalhe com EREER
• Empondere a si mesma e aos outros

Organização: a autora (2023)

No ponto de vista da Tereza de Benguela, é recomendado para as futuras estudantes negras do curso de Licenciatura em Geografia a continuarem no curso e a não desistirem dele de imediato. Ela ressalta a importância conhecer e aprender com as mestras e os mestres da cultura negra, visto que os conhecimentos que eles possuem acerca da cultura afro-brasileira são muito profundos, assim como é uma maneira de perpetuar a cultura africana que é essencialmente oral, além de tornar-se uma representante da cultura negra também e levar esses aprendizados para seu trabalho enquanto docente. A participante as incentiva a conhecerem os diferentes espaços de manifestação cultural negra, pois são ambientes em que se aprende sobre infinitas coisas que são invisibilizadas socialmente ou que simplesmente vão se esquecendo nos desdobramentos do tempo. Tereza de Benguela também sugere que elas escutem o que as professoras negras mais velhas tem para compartilhar, tendo em vista que suas experiências de vida são dados importantes que merecem atenção e respeito. Incorporar o EREER no seu trabalho enquanto professora, não somente promoverá uma educação antirracista que contribua para a construção da cidadania dos alunos, mas também é uma forma de empoderar-se enquanto mulher negra e a partir disso empoderar outras mulheres e homens que são negros no ambiente educacional.

Em suma, ambas as entrevistadas trouxeram recomendações valiosas que nortearão e/ou ajudarão as futuras jovens colegas do curso de Licenciatura em Geografia a lidarem com alguns pontos que as reserva nos desdobramentos das

suas trajetórias acadêmicas. As palavras de Aqualtune e da Tereza de Benguela trazidas ao longo desta investigação, contribuirão fortemente para o campo de pesquisa da Educação, sobretudo, para os quatro eixos que foram escolhidos para esse trabalho, as quais são as juventudeS, as questões de gênero, as questões raciais e a formação inicial de professoras de Geografia; além de possibilitar novas dimensões a serem pesquisadas a partir desse trabalho.

## 5. CONSIDERAÇÕES (NÃO TÃO) FINAIS

O campo de pesquisa das juventudeS demonstra-se uma área muito importante, pois é possível compreendermos a partir dela como os jovens se manifestam na sociedade contemporânea. A heterogeneidade é um elemento essencial para entendermos as juventudeS, visto que há inúmeras diferenças que as tornam singulares e, deste modo, evidenciam as disparidades de ser e estar jovem no mundo. Na realidade brasileira, ser um jovem negro é um desafio em razão do racismo estrutural, o qual limita os acessos desses indivíduos no setor educacional, profissional e da saúde. Nesse sentido, as políticas públicas e as ações afirmativas foram essenciais, visto que possibilitaram para as juventudeS negras a sua inclusão nos espaços citados anteriormente, promovendo uma justiça social e combate ao racismo. Entretanto, apesar dos avanços dessas políticas e debates sobre o racismo no Brasil, ainda se vislumbra muito o que fazer diante da desigualdade e violência ainda existente sobre a população negra.

Outro ponto importante de se pensar nesta pesquisa foi o feminismo, que é um movimento político e social que amplia ainda mais as discussões de gênero, visto que a luta contra a opressão patriarcal visa promover a igualdade, além de oportunizar a sororidade e o empoderamento entre as mulheres. O feminismo negro, por sua vez, surge da necessidade de incluir as pautas raciais que por muito tempo foram negligenciadas dentro do movimento feminista. Nesse sentido, as discussões desse campo demonstram-se muito significativas, pois buscam estabelecer a igualdade entre homens e mulheres na sociedade, ao passo que abrem portas para se cruzar outras questões correlatas, como a raça e classe social. Foi através de lutas e discussões promovidas pelo feminismo que, nos desdobramentos da história recente brasileira, observamos o sancionamento de algumas leis que buscam assegurar igualdade de gênero nos setores profissionais e mercado de trabalho, bem como as medidas protetivas que as amparam no quesito de violência, a exemplo do Lei Maria da Penha e do reconhecimento e tipificação do crime de feminicídio.

Tratando-se da temática das questões raciais, observamos o quanto é relevante percebermos o quanto o racismo ainda é uma realidade na vida das populações negras no Brasil. Ao longo de nossa história, o escravismo, a eugenia, e todas as políticas públicas segregatórias e violentas à população negra, deixaram

profundas marcas em nossa sociedade; ao termos esse entendimento histórico e social, fica evidente que para combater de fato esse tipo de preconceito é necessário o envolvimento de todos os indivíduos e, portanto, é uma luta coletiva por justiça e igualdade social. Por outra perspectiva, a representatividade de mulheres negras e de homens negros em diferentes profissões de prestígio social, bem como ocupando espaços que antes a sua ausência era perceptível é muito significativo, uma vez que inspira outras pessoas negras que estão observando-lhes, além de também romper com estereótipos dos traços negros.

A formação inicial de professores, por sua vez, configura-se como uma relevante temática nas discussões acadêmicas na medida que é demonstrado os processos que envolvem o campo educacional, assim como a formação de professores está sendo realizada. Dessa maneira, os cursos de licenciatura visam proporcionar aos estudantes a instrumentalização necessária para que se tornem bons docentes e que promovam a si mesmos e aos alunos o exercício do pensamento crítico e reflexivo. Nesse sentido, os espaços extracurriculares de aprendizagem também é maneira de enriquecer essa formação inicial, uma vez que aproxima os discentes da escola, assim como do ambiente que o professor pesquisador exerce seus trabalhos e projetos. Entretanto, é importante ressaltar que a formação inicial de professores também enfrenta desafios no ponto de vista curricular, causando a desarticulação entre viés teórico e o pedagógico, principalmente no que se refere a Geografia.

O aporte teórico foi dividido em duas partes, sendo inicialmente o breve estado da arte onde foi relacionado as juventudeS com os demais temas desse estudo e, posteriormente, se discorreu sobre os conceitos mobilizados por essa pesquisa, quais sejam: juventudeS; questões de gênero; questões raciais e a formação inicial de professoras de Geografia.

No estado da arte sobre as juventudeS e feminismo, verificamos as questões de compreensão das jovens acerca das relações entre ser jovem e mulher, o entendimento do racismo como uma forma de opressão para mulher negra, bem como a importância de romper a dominação patriarcal e a educação como forma de liberdade e resistência. Quanto aos temas de juventudeS e raça, foi identificado que a base estrutural brasileira se constitui como racista, também é apontado que se

faça mais pesquisas acerca das desigualdades raciais, assim como destacam que as políticas públicas exercem um papel importante no combate ao racismo estrutural. Da perspectiva das temáticas juventudeS e formação docente em Geografia, é evidenciado a relevância de ter uma formação teórica e prática articulada, a pesquisa aparece como uma significativa metodologia de ensino e construção técnica do conhecimento, bem como a formação extracurricular é apontada como uma possibilidade de ampliar ainda mais a formação dos estudantes de Geografia.

Dentre os autores que embasam o tema das juventudeS, Cassab (2011) apresenta as três definições das juventudeS, bem como o Estatuto da Juventude (2013) discorre sobre a classificação etária dos jovens brasileiros. Vieira (2022), por sua vez, debate sobre heterogeneidade juvenil. Pais (2003) e Feixa (1998), colaboram com suas teorias acerca das culturas juvenis. Oliveira e Lacerda (2018); Groppo, Borges e Ferreira (2023), assim como Dayrell (2003) contribuem para o debate quando discutem os espaços onde se desenvolvem as culturas juvenis.

Do ponto de vista das questões de gênero, Pinto (2010) discorre sobre o surgimento do movimento feminista e Cyfer (2010) aborda as linhas de pensamento que compõe o feminismo. Hooks (2018) discute que o feminismo não é somente do interesse das mulheres, mas dos homens também. Gonzalez (2020); Carneiro (2019) e Davis (2016) fazem suas contribuições sobre o feminismo negro e a importância das discussões sobre raça no movimento feminista. Hooks (2018) aparece novamente abordando a sororidade feminina.

Quanto as questões raciais, Almeida (2018) colabora com seu entendimento acerca do racismo estrutural e Hooks (2019) corrobora alertando que essa reprodução do racismo não justifica os atos racistas. Gomes (2012) aponta que o termo raça passou a ser significativo na luta negra. Silva (2007) traz para a discussão a desigualdade social que as pessoas negras enfrentam até os dias atuais. Quando a questão educacional, Hooks (2017) coloca a escola como um espaço de transformação social, onde se pode refletir sobre as questões raciais e de antirracismo.

A respeito da formação inicial de professoras de Geografia, Castrogiovanni e Vallerius (2022) versam que formação inicial e continuada deve envolver o exercício

do pensamento crítico e reflexivo. Do ponto de vista curricular, Dias e Rockenbach (2016) discutem o distanciamento entre a Geografia Acadêmica e a Geografia Escolar. Cavalcanti (2011); Copatti e Callai (2018) apontam que a Geografia Escolar é indispensável para uma formação bem consolidada. Por outro lado, Castellar (2006) vai criticar a maneira memorística na qual era ensinada a Geografia anteriormente. Pontuschka (2010) acrescenta para o embasamento teórico a relevância da pesquisa na formação inicial docente, assim como Melo e Lyra (2020) abordam a importância das bolsas de Iniciação Científica e à Docência.

Como instrumento metodológico, a pesquisa se caracterizou a partir de uma abordagem qualitativa, exploratória e como um estudo de caso. Para alcançar o que se propôs nos objetivos, foram realizadas entrevistas estruturadas, tendo aproximadamente 1h de duração com as jovens estudantes negras do curso de Licenciatura em Geografia. Em relação a análise dos dados, foi utilizada a análise de conteúdo (Bardin, 1977) a partir estruturação das entrevistas, bem como foram realizadas a codificação e a categorização delas. A entrevista teve quatro categorias, as quais dialogam com os objetivos específicos e ao referencial teórico, quis sejam: ser jovem, ser mulher, ser negra e ser professora de Geografia. O estudo cumpriu os requisitos que atende à Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), assim como a instituição assinou o Termo de Anuência (TA) para o desenvolvimento desta pesquisa e as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes da entrevista ocorrer.

Os resultados revelam que o curso de Geografia da instituição estudada possui em torno de 530 estudantes, os quais dividem-se entre a Licenciatura e o Bacharelado. Da perspectiva do curso de Licenciatura, há aproximadamente 230 discentes matriculados, contudo, há apenas 80 alunas do gênero feminino e destas, somente três foram identificadas como mulheres negras e duas delas aceitaram participar da pesquisa. A baixa presença e ocupação de mulheres negras nesse curso em específico é um dado alarmante, uma vez que mais da metade da população brasileira é negra e, sendo assim, as dificuldades de ingressar e de permanecer na universidade são desafios que envolvem muitos fatores. Das participantes, a primeira entrevistada identificou-se como Aqualtune e a segunda como Tereza de Benguela, as quais respectivamente, frequentam o curso no período diurno e noturno.

Ser jovem, para as entrevistadas, além de ser um período de descobertas sobre si mesmo e das relações que os cercam, também é um momento no qual as dúvidas e as inseguranças emergem, visto que não há garantias suficientes do que pode vir a acontecer; bem como o estudo e o aprendizado são ações que acompanham os indivíduos nos desdobramentos das suas juventudes. A heterogeneidade, por sua vez, demarca os diferentes modos de ser jovem na sociedade e isso dialoga diretamente com as falas das participantes e do aporte teórico quando evidenciam a pluralidade de suas manifestações. Dentre essas manifestações, a insegurança é percebida durante o trânsito pela cidade, entretanto, os jovens não deixaram de frequentar seus espaços favoritos. Da perspectiva do curso de Geografia, as entrevistadas apresentaram um contraponto em suas contribuições, sendo o período diurno identificado como de pessoas jovens predominantemente e o noturno contemplando jovens, adultos e idosos.

Os desafios que envolvem ser uma estudante mulher na Geografia se dá a partir dos aspectos institucionais e sociais, os quais envolvem a reprodução do machismo em várias frentes. Além disso, a falta de voz evidenciada pelas participantes também é considerado uma desigualdade de gênero, pois em ambientes predominantemente masculinos, as mulheres muitas vezes sofrem ações de *manterrupting* e *mansplaining*. Os resultados também salientam a falta de representatividade feminina na literatura da Geografia, visto que suas bases teóricas são majoritariamente do gênero masculino. Apesar de ter poucas mulheres na posição de alunas e professoras no curso de Geografia, é evidenciado que a sororidade entre elas possibilitou a constituição de uma rede de apoio. Da perspectiva da contribuição do feminismo negro para o empoderamento das mulheres negras, foi apontado que o consumo de obras desenvolvidos por essas mulheres é muito relevante para suas compreensões pessoais e interpessoais, assim como possibilitou a ressignificação das características estéticas dessas mulheres.

Como referências de mulheres negras, foram apontadas as figuras de professora e de mãe, sendo estas pessoas exemplos de representatividade, força e empoderamento para as jovens entrevistadas, além de moldarem as suas trajetórias de vida. A partir do questionamento do racismo vivenciado, percebemos que essa é uma triste realidade que acompanha muitas pessoas negras e para as participantes

não foi diferente. O ingresso na universidade nesse sentido foi positivo, pois foi possibilitado uma melhor compreensão acerca das discussões das questões raciais. Contudo, o ambiente educacional ainda não tem preparação suficiente para combater os preconceitos raciais que acontecem em suas dependências. Em contrapartida, a reprodução do racismo se dá também a partir do núcleo familiar, pois o racismo está estruturalmente impregnado na sociedade. Os comentários pejorativos em relação a aparência das pessoas negras não somente lhes provoca tristeza e baixa autoestima, mas também impulsiona o sentimento de ódio e a partir disso, acabam cedendo às pressões estéticas tidas como aceitáveis.

As jovens entrevistadas compartilharam diversas maneiras de abordar as questões raciais em suas aulas, sendo algumas delas por meio do trabalho com as questões raciais presente na cidade que residem, assim como através da transversalidade deste tema com outros conteúdos que compõem a Geografia e a partir de textos confeccionados por pessoas negras. Quanto aos aspectos positivos e negativos na sua formação inicial, o ponto de convergência favorável entre as entrevistadas foi na questão do acesso ao conhecimento; já a partir dos aspectos desfavoráveis, foi levantado o contato tardio com as escolas, assim como o curso de Licenciatura demonstra-se mais exigente quando comparado com o Bacharelado. Por outro lado, a inserção da Geografia nos debates sobre gênero, raça e juventude se faz presente por se tratar de temáticas que estão especializadas, entretanto, é ressaltado que quando esses temas são agrupados, há pouca produção científica. Por último, como recomendações para as futuras docentes negras foi apontado viver a universidade intensamente e conhecer os mestres e mestras da cultura negra.

Ao desenvolver essa investigação, foi possível aprender ainda mais sobre os quatro eixos que foram escolhidos como as temáticas centrais deste estudo, visto que muitas das discussões sobre elas ao longo do percurso acadêmico não foram tão aprofundadas. O trabalho com as entrevistas também foi muito significativo, pois além de estruturar as perguntas a serem desenvolvidas, também foi permitido o contato direto com as participantes, no qual foi possibilitado observar seus sentimentos ao longo da conversa e relacioná-los com a área Sociologia das Emoções que tive o privilégio de conhecer através de um curso de extensão. Estudar mulheres negras trouxe uma dimensão rica e ao mesmo tempo complexa em virtude interseccionalidades que as envolvem, bem como mergulhar nas suas

histórias de vida e experiências me permitiram olhá-las como exemplos de professoras que eu gostaria de me tornar.

A principal dificuldade enfrentada nessa pesquisa foi a baixa presença de alunas negras no curso de Geografia. Contudo, este trabalho é não inviabilizado em razão deste fator, pelo contrário, ele nos chama atenção de que as mulheres, sobretudo as mulheres negras, não estão ocupando este espaço. Diante disso, somos convidados a refletir o porquê esse fenômeno está acontecendo. Outra dificuldade sentida foi quanto escolher os tantos materiais disponíveis, pois devido ao tempo em que essa investigação foi realizada, não foi possível ler todos os livros e artigos selecionados. Também houve dificuldades quanto a escrita como um todo na medida que teve dias em que foi produzido apenas um parágrafo, enquanto em outros foi possível escrever até sete páginas completas.

A partir desse estudo, outros trabalhos podem vir a emergir a partir dos quatro eixos agrupados, assim como individualmente. Levantando em consideração que a pesquisa foi desenvolvida no ambiente universitário, mas especificamente durante a graduação, é possível pensar em novas dimensões que abordem os programas de pós-graduação da Geografia em um estado específico ou em uma região. Também há a possibilidade de ser realizado um estudo indique quem são e por onde andam as professoras negras de Geografia nas escolas públicas e privadas de uma cidade qualquer.

Finalizo o presente Trabalho de Conclusão de Curso com a significativa afirmação de Marielle Franco<sup>20</sup>: “Ser mulher negra é resistir e sobreviver o tempo todo”. Dessa forma, espero que as discussões exploradas nessa pesquisa contribuam para uma sociedade mais justa, inclusiva e igualitária para todas as mulheres negras. Companheiras, seremos resistência!

---

<sup>20</sup> Frase capturada de uma entrevista concedida por ela no site Brasil de Fato. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/03/15/marielle-franco-or-ser-mulher-negra-e-resistir-e-sobreviver-o-tempo-todo/>

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

AMBROSIO, Leticia. Raça, gênero e sexualidade: perspectiva afrodiáspórica e interseccional sobre o cotidiano das juventudes. **Kwanissa**, v. 05, n. 12, p. 163-182, 2022. Disponível em: <http://cajapio.ufma.br/index.php/kwanissa/article/view/18450/183>. Acesso em: 16 jul. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa edições, 1977.

BATISTA, Natália Lampert; DAVID, Cesar de; FELTRIN, Tascieli. **Formação de professores de geografia no Brasil**: considerações sobre políticas de formação docente e currículo escolar. *Revista de Geografia Ensino e Pesquisa*, Santa Maria, v. 23 e 13, 2019.

BRASIL. Lei nº 9.504, de 30 de setembro de 1997. Estabelece normas para as eleições. **Diário Oficial da União**, Brasília, 30 set. 1997. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/9504.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/9504.htm). Acesso em: 16 jul. 2023.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/10.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.639.htm). Acesso em: 04 mai. 2023.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. **Diário Oficial da União**, Brasília, 7 ago. 2006. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11340.htm). Acesso em: 16 jul. 2023.

BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. **Diário Oficial da União**, Brasília, 05 ago. 2013. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/lei/12852.html](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/12852.html). Acesso em: 12 mai. 2023.

BRASIL. Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015. Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. **Diário Oficial da União**, Brasília, 9 mar. 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/13104.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/13104.htm). Acesso em: 16 jul. 2023.

BRASIL. Lei nº 14.532, de 11 de janeiro de 2023. Altera a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989 (Lei do Crime Racial), e o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para tipificar como crime de racismo a injúria racial, prever pena de suspensão de direito em caso de racismo praticado no contexto de

atividade esportiva ou artística e prever pena para o racismo religioso e recreativo e para o praticado por funcionário público. **Diário Oficial da União**, Brasília, 11 jan. 2023a. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2023-2026/2023/lei/l14532.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2023-2026/2023/lei/l14532.htm). Acesso em: 16 jul. 2023.

BRASIL. Lei nº 14.611, de 3 de julho de 2023. Dispõe sobre a igualdade salarial e de critérios remuneratórios entre mulheres e homens; e altera a Consolidação das Leis do Trabalho, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. **Senado Federal**, Brasília, 03 jul. 2023b. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/37349718/publicacao/37350224>. Acesso em: 16 jul. 2023.

CALLAI, Helena Copetti. Na Geografia, a paisagem, o estudo do lugar e a pesquisa como princípio da aprendizagem. **Ciência Geográfica**, Bauru, v. XXVI, p. 59-68, jan./dez. 2020.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento: contribuições do feminismo negro. In HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

CARRERA, Ana Daniele Mendes; BASSALO, Lucelia de Moraes Braga. Eu sou feminista: narrativas de jovens universitárias. **Debates em Educação**, [S. l.], v. 14, n. 35, p. 549–565, 2022. DOI: 10.28998/2175-6600.2022v14n35p549-565. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/13743>. Acesso em: 27 jul. 2023.

CASSAB, C. **Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução**. Locus: revista de história, Juiz de Fora, v. 17, n. 02, p. 145-159, 2011.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. **Currículo, educação geográfica e formação docente: desafios e perspectivas**. Revista Tamoios. Ano II, Nº 2 – julho/dezembro 2006.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; VALLERIUS, Daniel Mallmann. A FORMA(AÇÃO) DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA: Perguntas e certezas provisórias que nos movem. In: RICHTER, Denis; SOUZA, Lorena Francisco de; MENEZES, Priscylla Karoline de (org.). **Percursos teórico-metodológicos e práticos da Geografia Escolar**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2022.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Jovens escolares e a cidade: concepções e práticas espaciais urbanas cotidianas. **Caderno Prudentino de Geografia**, [S. l.], n. 35, p. 74–86, 2014. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/2171>. Acesso em: 28 jul. 2023.

CAVALCANTI, Lana de Souza. O lugar como espacialidade na formação do professor de Geografia: breves considerações sobre práticas curriculares. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 1, n. 2, p. 1-18, 2011. Disponível em: <<https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/39/28>>. Acesso em 11 de mai. de 2023.

CERQUEIRA, Daniel *et al.* **Atlas da Violência 2021**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/12/atlas-violencia-2021-v7.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2023.

COELHO, Gisllayne Rayanne Borges; BORGES, Jéssica de Oliveira Andrade; ALVES, Ana Cláudia Tasinaffo. Formação inicial de professores: desafios de estudantes dos cursos de licenciatura do IFMT - Campus Confresa. **Revista Triângulo**, Uberaba - MG, v. 16, n. 1, p. 12–27, 2023. DOI: 10.18554/rt.v16i1.6179. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/revistatriangulo/article/view/6179>. Acesso em: 10 ago. 2023.

COLOMBIA. Ley 1622, del 29 del abril del 2013. Por medio de la cual se expide el estatuto de ciudadanía juvenil y se dictan otras disposiciones. **Función Pública**, Bogotá, 29 abr. 2013. Disponível em: [https://www.funcionpublica.gov.co/eva/gestornormativo/norma\\_pdf.php?i=5297](https://www.funcionpublica.gov.co/eva/gestornormativo/norma_pdf.php?i=5297). Acesso em: 16 jul. 2023.

COPATTI, Carina; CALLAI, Helena Copetti. **Tensões e intenções entre professor de geografia e livro didático na prática docente**. Para Onde!?, Porto Alegre, v. 10, n.1, p. 52-59, 2018.

CYFER, Ingrid. **Liberalismo e feminismo**: igualdade de gênero em Carole Pateman e Martha Nussbaum. Revista de Sociologia e Política, v. 18, n. 36, p. 135–146, jun. 2010.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. Revista Brasileira de Educação, Campinas, n. 24, p. 40-52, set./dez. 2003.

DENCKER, Ada de Freitas M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. 4. ed. São Paulo: Futura, 2000.

DIAS, Liz Cristiane; ROCKENBACH, Igor. A. **A formação inicial de professores de geografia em diferentes percepções**: uma análise de revisão de literatura em periódicos científicos. Caderno Prudentino de Geografia, [S. l.], v. 1, n. 38, p. 5–21, 2017.

DINIZ, Rodrigo Gavioli; PEREIRA, Ana Paula Camilo. Iniciação científica na formação docente em Geografia: uma análise sobre as universidades públicas de Mato Grosso do Sul. **Boletim Campineiro de Geografia**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 173–193, 2020. DOI: 10.54446/bcg.v10i1.464. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-campineiro/article/view/2770>. Acesso em: 27 jul. 2023.

FEIXA PAMPOLS, Carles. **La ciudad invisible**: territorios de las culturas juveniles. In: MARGULIS, Mario; CUBIDES, Humberto; VALDERRAMA, Carlos. Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades. Santa Fé de Bogotá: Universidad Central; Siglo Del Hombre, 1998.

FERRO, Elaine Gomes. **“Ela é mais feminista do que eu”**: narrativas de jovens universitárias sobre feminismos nas redes. 2023. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2023.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**: um guia para iniciantes. Porto Alegre: Bookman, 2009.

FRAGA, Amábili; MARTINS, Rosa Elisabete Miltz Wypczynski. Estudos de gênero no ensino de geografia: um entrelaçamento necessário. In: OLIVEIRA, Aldo Gonçalves de *et al* (org.). **Geografias e educação**: singulares mãos docentes. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2023

GARCIA, Maria Fernanda. A princesa escravizada no Brasil que lutou pela liberdade de seu povo. **Observatório do Terceiro Setor**, 2019. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/carrossel/a-princesa-escravizada-no-brasil-que-lutou-pela-liberdade-de-seu-povo/>. Acesso em: 16 jul. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas S.A. 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Movimento negro e educação**: ressignificando e politizando a raça. *Educação Sociedade*, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul./set. 2012.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo-afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Organizadoras: Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GROPPO, Luís Antonio; BORGES, Livia Furtado; FERREIRA, Karoline Rebecka Siqueira. Jovens secundaristas e o movimento das ocupações de escolas no Brasil em 2015 e 2016. In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.). **Debates sobre Juventudes**. Porto Alegre: GEPJUVE/UFRGS, 2023.

GUIMARAES, Antonio Sergio Alfredo. Como trabalhar com “raça” em sociologia. **Educação & Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 93-107, jun. 2003.

HIRANO, Caroline Yumi Matsushima. Quem foi Marielle Franco? Conheça a sua história. **Politize!**, 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/quem-foi-marielle-franco/>. Acesso em: 16 jul. 2023.

HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher?** Mulheres negras e feminismo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a Educação como prática de liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla- São Paulo. Editora Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. **Olhares negros**: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução de Ana Luiza Libânio. São Paulo: Rosa dos Tempos, 2018.

IMJUVE. Políticas DE Operación. Secretaría de Desarrollo Social, México, 2014. Disponível em: <https://imjuventud.gob.mx/imgs/uploads/Políticas de Operacion 2014 1.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2023.

LEÃO, Andrezza Marques Castro; RIBEIRO, Paulo Rannes Marçal. As políticas educacionais do Brasil: a (in)visibilidade da sexualidade e das relações de gênero. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, 2012.

LEMOS, Flávia Cristina Silveira; AQUIME, Rafaela Habib Souza; FRANCO, Ana Caraloina Farias; PIANI, Pedro Paulo Freire. O extermínio de jovens negros pobres no Brasil: práticas biopolíticas em questão. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 164–176, 2017. Disponível em: [http://www.seer.ufsj.edu.br/revista\\_ppp/article/view/1912](http://www.seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/1912). Acesso em: 24 maio. 2023.

LOPES, Beatriz Gouvea; GONÇALVES, Josiane Peres. Oh, aqui também a gente está chegando!" Professoras negras e representatividade racial na universidade. **Revista Educação, Ciência e Cultura**, Canoas, v. 27, n. 1, p. 1-19, fev. 2022.

MARCELINO, Jonathan. As marcas da colonialidade: raça e racismo na produção do pensamento geográfico. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 12, n. Ed. Especi, p. 435–457, 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/871>. Acesso em: 11 ago. 2023.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução: Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MELO, Natali.; LYRA, Keila Alves P. **A importância do PIBID e do PIBIC**: uma reflexão sobre programas de formação docente. *Iniciação Científica Cesumar*, v. 22, n. 1, p. 133-139, 2020. DOI: <https://doi.org/10.17765/1518-1243.2020v22n1p133-139>.

MENEZES, Tassia. Carolina Maria de Jesus: a mulher negra que criou mundos do quarto de despejo. **Conexão UFRJ**, 2022. Disponível em: <https://conexao.ufrj.br/2022/03/carolina-maria-de-jesus-a-mulher-negra-que-criou-mundos-do-quarto-de-despejo/>. Acesso em 16 de jul. de 2023.

MOREIRA-PRIMO, Ueliton Santos; FRANÇA, Dalila Xavier de. Efeitos do racismo da trajetória escolar de crianças: uma revisão sistemática. **Debates em Educação**, [S. l.], v. 12, n. 26, p. 176–198, 2020. DOI: 10.28998/2175-6600.2020v12n26p176-198. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/8403>. Acesso em: 10 ago. 2023.

MOURA, Bruna de; GOMES, Marquiana de Freitas Vilas Boas. A valorização no ensino de Geografia das práticas socioespaciais dos jovens na cidade. **Boletim de Geografia**, v. 40, p. 263-276, e63256, 15 dez. 2022.

NETO, Francisco Otávio Landim; BARBOSA, Maria Edivani Silva. O ensino de geografia na educação básica: uma análise da relação entre a formação do docente e sua atuação na geografia escolar. **Geosaberes: Revista de Estudos Geoeducacionais**, v. 1, n. 2, p. 160-179, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5528/552856443011.pdf>. Acesso em 27 de jul. de 2023.

NETO, Miguel de Sousa Lacerda; JUNIOR, Sergio Dias Guimarães; FRANÇA, Bruno Alves de. Quando uma ideia nos toma o mundo: reflexões sobre juventude, raça e trabalho no Brasil pandêmico. **Desidades**, n. 34, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/desidades/article/view/53524/31426>. Acesso em 27 de jul. de 2023.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.). **Geografias das Juventudes**. Porto Alegre: GEPJUVE, 2023.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. **Somos jovens: o ensino de Geografia e a escuta das juventudes**. 2015. (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2015

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; LACERDA, Miriam Pires Corrêa. Culturas Juvenis e Pertencimento Urbano: Mapeando os Fluxos Juvenis na Cidade. **Rev. FSA**, Teresina, v. 15, n. 2, art. 6, p. 110-124, mar./abr. 2018.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; SANTOS, Andreia Mendes dos. JUVENTUDES CONTEMPORÂNEAS E A PANDEMIA DA COVID-19: CONSTITUINDO NOVAS FORMAS DE SER E ESTAR JOVEM. **Revista Hominum**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 148-155, 2015. Disponível: <https://hdl.handle.net/10923/21873>. Acesso em 16 de ago. de 2023.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; SANTOS, Gabriela Borba Bispo dos. QUANDO A GEOGRAFIA FAZ HISTÓRIA: MEMÓRIAS DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA E SUA DOCÊNCIA. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 11, n. 33, p. 64–74, 2022. DOI: 10.5281/zenodo.7059761. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/709>. Acesso em: 10 ago. 2023.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. **Somos jovens: o ensino de Geografia e a escuta das juventudes**. 2015. (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2015

OLIVEIRA, Raquel Pompeia Teixeira de Melo. **Violências contra mulher no contexto profissional de professoras de línguas: crenças e emoções**. 2023. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2023.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

Personalidades Negras – Dandara. **Ministério da Cultura**, 2014. Disponível: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/personalidades-negras-2013-dandara>. Acesso em 16 de jul. de 2023.

PIMENTEL, Sâmia Maírla Viana; SILVA, David Junior de Souza. **Resistência e liderança da mulher negra: um estudo na comunidade quilombola São José de Icatú em Mocajuba-PA**. Nova Revista Amazônica, v. 10, n. 01, p. 161-175, jun. 2022.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder**. Revista de Sociologia e Política, v. 18, n. 36, p. 15–23, jun. 2010.

PONTES, Robson Sales. Perspectivas e desafios da formação docente em geografia: uma análise da formação no PIBID/UEPB. 2019. Dissertação (Mestrado em Formação de Professores) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2019

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Convergências e tensões na formação de professores de Geografia: a formação inicial do professor-debates. **Olhar de professor**, v. 13, n. 1, p. 37-46, 2010. Disponível em:

<<https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/3192/2331>>. Acesso em 11 de mai. de 2023.

Quem foi Laudelina de Campos Melo, pioneira na luta por direitos de trabalhadores domésticos no Brasil. **BBC News Brasil**, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-54507024>. Acesso em 16 de jul. de 2023.

ROCHA, Simone. **Eugenia no Brasil: análise do discurso “científico” no Boletim de Eugenia: 1929-1933**. 2010. Tese (Doutorado em História da Ciência) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

SAPIÊNCIA, Rincon. **Ponta de Lança (verso livre)**. São Paulo: Boia Fria Produções: 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vau8mq3KcRw>. Acesso em: 17 jul. 2023.

SCHUCMAN, Lia Vainer; GONÇALVES, Mônica Mendes. “Racismo na família e a construção da negritude: embates e limites entre a degradação e a positivação na constituição do sujeito”. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade** – UESB, Vitória da Conquista, v. 2, n. 4, p. 61-83, dezembro 2017.

SILVA, Joselina da; EUCLIDES, Maria Simone. **Falando de gênero, raça e educação: trajetórias de professoras doutoras negras de universidades públicas dos estados do Ceará e do Rio de Janeiro (Brasil)**. Educar em Revista, Curitiba-Brasil, v. 34, n. 70, p. 51-66, 2 jul. 2018.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil**. Educação, Porto Alegre, v. 30, n. 3, p. 489-506, 2007.

SOUSA, Ana Lucia Nunes de *et al.* **Professoras negras na pós-graduação em saúde: entre racismo estrutural e a feminização do cuidado**. Saúde em Debate, v. 45, n. 1, p. 13-26, 2021.

SOUZA, Aldaci de. Dia Nacional de Tereza de Benguela relembra a resistência da mulher negra. **Assembleia Legislativa Estado do Sergipe**, 2022. Disponível: <https://al.se.leg.br/dia-nacional-de-tereza-de-benguela-relembra-a-resistencia-da-mulher-negra/>. Acesso em 16 de jul. de 2023.

TORRES, Aline. Antonieta de Barros, a parlamentar negra pioneira que criou o Dia do Professor. **El país**, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-10-15/antonieta-de-barros-a-parlamentar-negra-pioneira-que-criou-o-dia-do-professor.html>. Acesso em 16 de jul. de 2023.

UNESCO. Políticas públicas de/para/com as juventudes. Brasília: **UNESCO**, 2004. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000135923>. Acesso em: 11 mai. 2023.

ONU BR. Adolescência, juventude e redução da maioridade penal. Brasília: **Nações Unidas no Brasil**, 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-07/PositionpaperMaioridadepenal1.pdf#:~:text=1%20Diversas%20ag%C3%AAncias%20do%20sistema,adotadas%20por%20esses%20organismos%20internacionalmente>. Acesso em 16 de jul. de 2023.

VIEIRA, Cristina Pereira. Prefácio – falas sobre as juventudes, em tempos de pandemia: introdução ao discurso. In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.). **Dialogando sobre juventudes**. Porto Alegre: GEPJUVE/UFRGS, 2022.

VIEIRA, Daniele Machado. **Territórios negros em Porto Alegre/RS (1800 – 1970):** geografia histórica da presença negra no espaço urbano. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

## 7. ANEXOS

### 7.1 ANEXO A

#### Modelo de entrevista estruturada

##### Caracterização

Idade:

Local de residência:

Semestre de ingresso no curso:

Turno:

Trabalha:

Se sim, onde:

Participa de algum tipo de bolsa:

Se sim, qual:

1. Para você, o que é ser jovem?
2. Você percebe que o curso de Geografia é um curso de pessoas jovens? Por quê?
3. Quais são os desafios de ser uma estudante mulher na Geografia (segundo dados da Universidade, apenas 35% dos estudantes desse curso são mulheres)?
4. Você acredita que o feminismo negro contribuiu para o empoderamento das mulheres negras? Por quê?
5. Há alguma referência de mulher negra para você? Se sim, qual e por quê?
6. Você já foi vítima de racismo? Você se sentiria confortável em compartilhar alguma situação de racismo vivenciada?
7. Como você pretende abordar as questões raciais em suas aulas?
8. Como está sendo a sua formação inicial em Geografia? Quais são os aspectos a destacar positivamente e negativamente?
9. Como você percebe a inserção da Geografia nas discussões de gênero, raça e juventude?
10. Que recomendações você daria para as futuras jovens professoras negras de Geografia?

## 7.2 ANEXO B

### TERMO DE ANUÊNCIA (TA)

Prezado/a Coordenador/a do Curso de Graduação em Geografia,

Eu, Gabriela Borba Bispo dos Santos, junto com meu orientador, Prof. Dr. Victor Hugo Nedel Oliveira, responsáveis pelo Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) **“SER JOVEM, SER MULHER, SER NEGRA, SER PROFESSORA DE GEOGRAFIA: AS JOVENS LICENCIANDAS NEGRAS EM GEOGRAFIA E SUA FORMAÇÃO”**, estamos lhe fazendo um convite para sua instituição participar como voluntária nesse estudo.

O objetivo principal desta pesquisa visa analisar os impactos das condições de ser mulher, negra e jovem na formação inicial docente de licenciandas em Geografia em uma Universidade pública do sul do país (não iremos identificar a instituição).

O estudo será desenvolvido em uma fase por meio de pesquisa qualitativa, cuja coleta de dados somente ocorrerá com as participantes que tenham assinado o Termo de Consentimento.

As participantes serão convidadas a responder uma entrevista estruturada contendo questões sobre a formação inicial de licenciandas em Geografia, sobre gênero, questões étnicas e sobre juventudes. A entrevista será gravada e terá aproximadamente 1h de duração. A participação neste estudo será voluntária, podendo desistir a qualquer momento.

Caso você tenha qualquer dúvida quanto aos direitos de participante desta pesquisa, entre em contato com a Comissão de Pesquisa do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP-UFRGS), pelo e-mail: [compesq-igeo@ufrgs.br](mailto:compesq-igeo@ufrgs.br). A Comissão de Pesquisa é um órgão auxiliar da Unidade Acadêmica. Sua responsabilidade também é garantir a proteção dos direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes por meio da revisão e da aprovação do estudo, entre outras ações.

Este Termo de Anuência assinado será recolhido pela pesquisadora que manterá a identidade da instituição em sigilo.

Ao participar da pesquisa, sua instituição contribuirá para a produção de conhecimento sobre o ensino de Geografia e para a possibilidade de construção de novas práticas pedagógicas, da Escola e dos professores, junto aos alunos.

O desconforto que as participantes poderão sentir é o de compartilhar informações pessoais ou confidenciais, ou em alguns tópicos que ele possa se sentir incômodo em falar. A pesquisadora deixará claro que não precisará responder a qualquer pergunta ou parte de informações obtidas, se sentir que ela é muito pessoal ou sentir desconforto em falar.

Eu, \_\_\_\_\_, na qualidade de responsável pela Comissão de Graduação do Curso de Licenciatura em Geografia da instituição selecionada para a

pesquisa, tomei ciência da pesquisa intitulada " **SER JOVEM, SER MULHER, SER NEGRA, SER PROFESSORA DE GEOGRAFIA: AS JOVENS LICENCIANDAS NEGRAS EM GEOGRAFIA E SUA FORMAÇÃO**" a ser conduzida sob a responsabilidade da estudante Gabriela Borba Bispo dos Santos, sob orientação do pesquisador Prof. Dr. Victor Hugo Nedel Oliveira, bem como me comprometo a difundir convites de participação para a investigação.

### 7.3 ANEXO C

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Prezadas alunas-jovens-negras do curso de Geografia Licenciatura,

Eu, Gabriela Borba Bispo dos Santos, junto com meu orientador, Prof. Dr. Victor Hugo Nedel Oliveira, responsáveis pelo Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) **“SER JOVEM, SER MULHER, SER NEGRA, SER PROFESSORA DE GEOGRAFIA: AS JOVENS LICENCIANDAS NEGRAS EM GEOGRAFIA E SUA FORMAÇÃO”**, estamos lhe fazendo um convite para participar como voluntária nesse estudo.

O objetivo principal desta pesquisa visa analisar os impactos das condições de ser mulher, negra e jovem na formação inicial docente de licenciandas em Geografia em uma Universidade pública do sul do país.

O estudo será desenvolvido em uma fase por meio de pesquisa qualitativa, cuja coleta de dados somente ocorrerá com as participantes que tenham assinado o Termo de Consentimento.

Você será convidada a responder uma entrevista estruturada contendo questões sobre a formação inicial de licenciandas em Geografia, sobre gênero, questões étnicas e sobre juventudes. A entrevista será gravada e terá aproximadamente 1h de duração. A sua participação neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento.

Caso você tenha qualquer dúvida quanto aos direitos de participante desta pesquisa, entre em contato com a Comissão de Pesquisa do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP-UFRGS), pelo e-mail: [compesq-igeo@ufrgs.br](mailto:compesq-igeo@ufrgs.br). A Comissão de Pesquisa é um órgão auxiliar da Unidade Acadêmica. Sua responsabilidade também é garantir a proteção dos direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes por meio da revisão e da aprovação do estudo, entre outras ações.

Este Termo de Consentimento assinado será recolhido pela pesquisadora que manterá a sua identidade no mais rigoroso sigilo. Seu nome não será divulgado sob nenhuma hipótese.

Ao participar da pesquisa, você contribuirá para a produção de conhecimento sobre o ensino de Geografia e para a possibilidade de construção de novas práticas pedagógicas, da Escola e dos professores, junto aos alunos.

O desconforto que você poderá sentir é o de compartilhar informações pessoais ou confidenciais, ou em alguns tópicos que ele possa se sentir incômodo em falar. A pesquisadora deixará claro que não precisará responder a qualquer pergunta ou parte de informações obtidas, se sentir que ela é muito pessoal ou sentir desconforto em falar.

Ao assinar este termo de consentimento, você não renuncia a nenhum direito legal que teriam de outra forma. Não assine este termo de consentimento a menos que tenha tido a oportunidade de fazer perguntas e tenha recebido respostas satisfatórias para todas as suas dúvidas. Se você concordar em participar deste

estudo, você rubricará todas as páginas e assinará e datará duas vias originais deste termo de consentimento. Você receberá uma das vias para seus registros e a outra será arquivada pelo responsável pelo estudo.

Eu, \_\_\_\_\_, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e a oportunidade de conversar com a pesquisadora responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que a minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício.

Declaro, ainda, que fui informada dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos a que serei submetida, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar.

Diante do exposto, expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

Assinatura da participante \_\_\_\_\_

Contatos: ( ) \_\_\_\_\_ ( ) \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Data: \_\_/\_\_/\_\_

## 7.4 ANEXO D

### Mulheres negras importantes no Brasil



*Antonieta de Barros*  
(1901-1952)

Foi a 1ª mulher negra eleita deputada estadual no Brasil e elaborou o projeto de lei para criar o Dia do Professor.



*Aqualtune*  
(séc. XVI-XVII)

Foi parte da realeza congoleza e lutou na resistência do Quilombo dos Palmares.



*Carolina Maria de Jesus* (1941-1977)

Foi uma das primeiras escritoras negras no Brasil e é autora da obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada”



*Dandara dos Palmares*  
(séc. XVII)

Foi uma mulher negra que atuou como uma das lideranças guerreiras do Quilombo dos Palmares.



*Laudelina de Campos Melo* (1904-1991)

Foi defensora dos direitos das mulheres e das empregadas domésticas e foi diretora da Frente Negra Brasileira (FNB).



*Marielle Franco*  
(1979-2018)

Foi uma importante socióloga e vereadora da Câmara do Rio de Janeiro.



*Tereza de Benguela*  
(séc. XVIII)

Foi uma rainha e líder do Quilombo Quariterê, assim como atuou na resistência contra a escravidão.